

UT PERFECTUS SIT HOMO DEI

“Reaviva o dom que recebeste”

A fidelidade criativa no centenário do carisma paulista

Carta do Superior geral

Caros irmãos,

em conformidade com o afirmado pela **linha operativa 3.3.1** do IX Capítulo Geral, a carta anual 2012-2013 tem como argumento as “50 instruções” que o beato Tiago Alberione deu a 125 paulistas (95 sacerdotes e 30 discípulos) reunidos na Casa do Divino Mestre de Ariccia (Roma) durante o curso de exercícios espirituais extraordinário com a duração de um mês (1-30 abril de 1960). Tais instruções, como se sabe, encontram-se reunidas no volume único *Ut perfectus sit homo Dei* (=UPS)¹. A edição crítica, cuidada pelo Centro de Espiritualidade Paulista (1997), foi editada em 1998 e traduzida em inglês e espanhol (e sucessivamente noutras línguas por algumas circunscrições) e é o texto que utilizo para esta carta.

Ao escolher esta obra do Fundador para a apresentar e atualizar para este ano, tive em conta também a programação da Comissão intercongregacional para o **triénio** de preparação para o jubileu de 20 de agosto de 2014, a qual, entre os textos de referência a valorizar para o segundo ano a decorrer, usa duas instruções do *Ut perfectus sit homo Dei*.

Por fim, ler, aprofundar e atualizar o *Ut perfectus sit homo Dei* depois da reflexão do texto do *Abundantes divitiæ gratiæ suæ* (AD) proposto no ano passado, justifica-se se observarmos o **desenvolvimento do pensamento** do Fundador.

O conteúdo do AD foi escrito a pedido de alguns paulistas para se poder celebrar em 1954 o 40.º aniversário da fundação da Sociedade São Paulo, fazendo sobretudo memória dos inícios e dos primeiros desenvolvimentos. No texto, o beato Alberione narra as origens da primeira Congregação e das outras fundações até então existentes, reunindo a memória histórica sob uma série de “temas” (*a missão particular, o espírito pastoral, o dom e a riqueza dos cooperadores*, etc.). Estas temáticas, inerentes aos inícios do carisma paulista, são como um “**código genético**” que deve servir para todas as gerações paulistas para traçar a sua fisionomia “em fidelidade criativa”, ou seja, para elaborar de forma nova os elementos constitutivos da identidade paulista.

Nas instruções do UPS de 1960, porém, existe a lúcida determinação do Fundador de querer oferecer a “**síntese do seu pensamento e das suas fundações**”, a apresentação **definitiva** da elaboração teórica e prática do seu “**projeto de nova evangelização**” inspirado em São Paulo para evangelizar a sociedade com a imprensa e os outros *mass media*, e realizado com a convergência das iniciativas apostólicas das outras Instituições reunidas na Família Paulista.

Se no AD temos os elementos do “**código genético paulista**”, na UPS encontramos-nos perante “**organismos vivos**” distintos: 5 congregações, 4 Institutos agregados e a Associação dos Cooperadores Paulistas que formam pelo seu estreito parentesco uma “**Família**”: «A Família Paulista agora está completa» (UPS I,19).

Aprofundar o UPS constitui, pois, uma oportunidade para tomar exato conhecimento da identidade da Sociedade São Paulo e da Família Paulista, como foi querida pelo beato Tiago Alberione. Este primeiro passo revela-se indispensável porque fornece os conteúdos e o método de trabalho necessários para levar até ao fim o tema do IX Capítulo Geral: “**Reaviva o dom que recebeste. A fidelidade criativa no centenário do carisma paulista**”.

¹ *Ut perfectus sit homo Dei*, Cinisello Balsamo, 1998.

Quando em abril de 1960 se desenrolava o mês de exercícios espirituais para “o aggiornamento dos membros na Congregação e na Família Paulista”, a Igreja estava mobilizada pelo beato João XXIII na preparação do Concílio Vaticano II. De igual modo, a **atualização** do carisma paulista na vigília do jubileu de 2014, com a ajuda do Espírito Santo e a colaboração de todos os paulistas, deve ter a coragem de “**reformular**” os “**valores imutáveis**” do carisma paulista **tendo em conta as mudanças** que a partir de 1960 aconteceram na Igreja, na sociedade, na cultura, na comunicação, na Sociedade São Paulo e na Família Paulista.

1. UT PERFECTUS SIT HOMO DEI

1.1. O conteúdo deste texto

1.1.1. Com o título *Ut perfectus sit homo Dei* foram publicados **quatro volumes** que contêm a transcrição dos registos de 54 meditações de alguns sacerdotes paulistas, 50 instruções do Primeiro Mestre, 3 conclusões do Vigário geral, padre Dâmaso Zanoni, e 18 conferências que se tiveram durante o mês de exercícios em abril de 1960 (I volume: primeira semana, editado em 1960; II volume: segunda semana, editado em 1962; III volume: terceira semana, editado em 1962; IV volume: quarta semana, editado em 1962).

Ao apresentar o curso extraordinário de exercícios, o beato Alberione escreveu: «Em 1960 falarão com o Primeiro Mestre os sacerdotes anciãos, aos quais são encomendados argumentos especiais. Também falarão alguns discípulos acerca do que lhes respeita quanto ao seu apostolado. Tudo deverá ser registado para o futuro e para os ausentes»².

1.1.2. O **Centro de Espiritualidade Paulista**, em seu precioso trabalho para a realização da *Opera omnia* do Fundador, em 1998, com o título *Ut perfectus sit homo Dei*, publicou uma edição crítica que contém **somente** as 50 instruções do beato Alberione, acompanhadas por uma *Apresentação*, *Prefácio*, *Índex das citações bíblicas*, *Índex temático* e *Índex analítico*.

1.2. Significado do título

1.2.1. As palavras do título são um versículo (3,17) da *segunda carta a Timóteo* e no UPS são lembradas no III,9 (na instrução que tem como tema *Edições: a primeira é a Bíblia*) e em I,423 (na instrução sobre a *Formação à pastoralidade*, com citação da Constituição apostólica *Sedes sapientiae* de Pio XII).

O Fundador alude depois a 2Tm 3,17, falando da *Formação Paulista*: «A formação unitária compreende a vida humana, religiosa, clerical e apostólica, para representar um *homem perfeito em Cristo*. O perfeito Mestre formará homens perfeitos em Jesus Cristo» (II,191). Conhecendo a propensão do Primeiro Mestre em intitular os seus escritos com versículos bíblicos, sobretudo extraídos de São Paulo, pode-se presumir que o significado que ele atribui à citação de 2Tm 3,17 coincide com o objetivo dos exercícios espirituais: formar o paulista na sua **identidade completa** em vista da sua específica missão apostólica.

1.2.2. Os resultados, hoje partilhados pelos exegetas, sobre o significado de 2Tm 3,17 evidenciam em primeiro lugar que o v. 17 – «O homem de Deus seja perfeito, preparado para a boa obra» – está como conclusão do terceiro capítulo de 2Tm: é a **identidade ideal do crente** formado pela meditação da Sagrada Escritura. O batizado e, mais ainda o que na comunidade eclesial tem tarefas de direção, deixa-se “modelar” pela Sagrada Escritura para progressivamente se tornar um “homem de Deus”, “pronto e bem preparado para qualquer espécie de boa obra”, para se assemelhar a Cristo ressuscitado, criatura nova e homem novo, perfeito segundo Deus.

Em segundo lugar, o termo “*perfectus*” usado na versão latina a fim de traduzir o grego *ártios* deve ser entendido não como “perfeição” com fim em si mesma, mas como “estar bem equipado” para

2 S. Paolo, abril-maio 1959; cf. *Carissimi in S. Paulo*, a cura de Rosario F. Esposito, Roma, 1971, p. 192.

um exercício que lhe é confiado e para uma obra que tem que realizar: não se trata de um significado “**qualitativo**”, mas “**funcional**”. O fruto da assimilação da Sagrada Escritura torna-o “**competente**” para colaborar como **apóstolo** para a vinda do Reino com “obras boas”, isto é, do Espírito.

1.3. Contexto eclesial do curso

1.3.1. A leitura atenta do *Abundantes divitiæ gratiæ suæ* permite relevar como, desde os anos do seminário de Alba até aos inícios de 1900, o beato Alberione tinha **uma personalidade** interessada em conhecer o mundo em que vive, em documentar-se sobre os desenvolvimentos que decorriam e a imaginar as mudanças futuras: «Sentiu-se profundamente obrigado a preparar-se para fazer algo pelo Senhor e pelos homens do novo século com os quais haveria de viver» (AD 15).

Circunscrevendo a atenção para o contexto eclesial a partir do final da II Guerra Mundial (1945), vemos como o beato Alberione continuava a observar a ampliação progressiva de iniciativas para o “**aggiornamento**” na catequese, na liturgia, na leitura e no estudo da Sagrada Escritura, na pastoral, no uso dos meios de comunicação para a evangelização e no empenhamento cristão na política.

Entre as iniciativas do Ano Santo de 1950 figura o primeiro *congresso internacional dos Institutos de perfeição* para o *aggiornamento* da vida consagrada (26 de novembro – 6 de dezembro de 1950). O discurso que o beato Alberione dirigiu em 26 de novembro aos participantes é significativo não apenas pelos conteúdos expressos, mas também pela abertura de mentalidade que espelha³.

Merece ser sublinhada a **definição de aggiornamento** dada pelo beato Alberione na sua intervenção nesse congresso: «“O *aggiornamento*” consiste em fazer viver todo o espírito dos Fundadores e os princípios e as regras das Constituições; mas ao mesmo tempo considerar as necessidades e as circunstâncias hodiernas, nas aplicações e nas interpretações». “*Non nova, sed noviter*”, proclama em 1959⁴.

“**Aggiornamento**” é o termo que no ambiente eclesial daquele tempo, desde os anos de 1950 em diante, é utilizado para exprimir a necessidade de uma “fidelidade criativa” capaz de re-exprimir os valores “imutáveis” da fé e da prática religiosa, tendo em conta as “mudanças” que aconteceram depois da II Guerra Mundial.

Este mesmo fim guiou o beato João XXIII, em 25 de janeiro de 1959, quando anunciou o Concílio Ecuménico Vaticano II e que também retomará no sucessivo discurso de abertura: «...é necessário em primeiro lugar que a Igreja não se afaste do santo património da verdade, recebido dos antepassados; e ao mesmo tempo deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo de hoje, as quais abriram novas perspectivas ao apostolado católico» (11 de outubro de 1962).

1.3.2. Entre os documentos do magistério universal que encorajam o beato Alberione no empenhamento do *aggiornamento* podemos lembrar: os discursos de Pio XII sobre o *filme ideal* (21 de junho de 1955 e em 28 de outubro de 1955), a encíclica *Miranda prorsus* (8 de setembro de 1957) e a constituição apostólica *Sedes Sapientiæ* (de 31 de maio de 1956) com os relativos *Estatutos* para aplicação sobre a formação religiosa, clerical e apostólica.

A *Sedes Sapientiæ* recomenda a todos os sacerdotes uma constante formação “pastoral” e prevê que, após cerca de uns cinco anos de ministério, se «tenha um curso mais alongado de exercícios espirituais e sejam nele propostas lições adequadas» (art. 53).

Por outro lado, na Sociedade São Paulo e nas Filhas de São Paulo, em consideração pelo carisma específico estreitamente ligado às contínuas mudanças na comunicação, se perceba a exigência de “ **cursos de aggiornamento**” para melhorar o apostolado. Além disso, à medida que o tempo passava, sentia-se a necessidade de um período de “*aggiornamento*” geral, ainda que sob a forma de um mês de exercícios espirituais, assimilando o convite de Jesus aos discípulos (Mc 6,31), “*requiescite pusillum*” (= descansai um bocadinho).

Na *Introdução* ao UPS, o beato Alberione, motivado pela sugestão da *Sedes Sapientiæ* sobre um

3 S. Paolo, novembro 1950; cf. *Carissimi in S. Paulo*, cit., pp. 800-808.

4 S. Paolo, fevereiro 1959; cf. *Carissimi in S. Paulo*, cit., p. 193.

curso de exercícios “mais alongado” como modo concreto para realizar um “segundo noviciado” ou “noviciado apostólico” e depois de ter acrescentado não ter podido ainda realizar iniciativas de atualização na congregação, conclui: «Por isso, teremos o grande curso de exercícios espirituais, no qual também se cumpre o *requiescite pusillum* » (I,9).

1.4. Objetivos e metodologia do curso

1.4.1. Através do boletim *S. Paolo*, o Primeiro Mestre ilustrou os objetivos que, juntamente com os participantes, entendia atingir com o curso de exercícios de um mês. Depois de haver apresentado a iniciativa como “uma paragem necessária, mas não ociosa”, o Fundador fixa **duas finalidades**: permitir um curso de exercícios espirituais de um mês e um «atualização dos membros na Congregação e na Família Paulista e como testamento espiritual, conclusivo da missão que me impôs o Senhor. Não houve nenhuma intenção de entristecimento, mas só de convidar a refletir como se caminha, e compreender melhor a Família Paulista e o seu bom caminhar»⁵.

Dada a importância da iniciativa, ele previu que: «Este curso será repetido, se Deus quiser, a cada dois anos, em abril, até que todos os professos tenham por ele passado», anunciando já os cursos para 1962 e 1964⁶.

1.4.2. A **metodologia** para as quatro semanas está programada no modo de «avaliar as quatro partes: piedade, estudo, apostolado e pobreza, segundo as Constituições» e em cada uma se começará com meditações pelas quais: «se reflita na santificação da mente (Credo); se reflita na santificação do coração (Liturgia); se reflita na santificação da vontade (Mandamentos e virtudes)»⁷. Trata-se de fazer um «curso de exercícios espirituais alongado, mas com caráter paulista e social, de forma familiar» que inclui como parte integrante «o atualização acerca da prática das Constituições nas circunstâncias de vida, de lugares, de tempo; em relação e em favor dos apostolados»⁸.

Em síntese, os **conteúdos** do curso de exercícios são: as verdades de fé meditadas, contempladas e vividas; o atualização da vida às Constituições e à Família Paulista, agora já completa. A metodologia é nova: “**Paulista e social, de caráter familiar**”.

A experiência do mês de exercícios inicianos, por ele anteriormente vivida, é reelaborada em “**chave Paulista**”, apresentando uma nova fórmula de exercícios espirituais que também aplica às outras Congregações por ele fundadas: **os exercícios espirituais paulistas de atualização**.

De 15 de maio a 5 junho de 1961, o Fundador fez em Ariccia um curso de exercícios extraordinário, intitulado de “**vinte dias**” a 92 **Filhas de São Paulo** com a mesma finalidade de “atualização” aplicado à explicação das Constituições. As intervenções do beato Alberione encontram-se reunidas em *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni, 1961*⁹.

Também às Superiores e às Irmãs anciãs das **Pias Discípulas do Divino Mestre** ele pregou um curso extraordinário de exercícios espirituais (Ariccia, 12 de maio – 1 de junho de 1963); algumas destas intervenções foram publicadas em *Alle Pie Discepole del Divin Maestro, 1963*¹⁰.

1.5. O significado de “atualização” para o beato Alberione

1.5.1. Adaptando a indicação da *Sedes sapientiae* à Sociedade São Paulo, o beato Alberione não entende o atualização para a Sociedade São Paulo e para a Família Paulista no sentido de “mudança” de algo para um projeto de nova evangelização. Para ele, **atualização** é sinónimo de “compreender melhor”, “conhecer bem”, “esclarecer toda a ambiguidade e dúvidas”, “pôr em prática o que foi já prescrito nas regras”, “compreender para valorizar mais”... para aplicar à vida cristã e consagrada, às Constituições da Sociedade São Paulo (de 1957) e à composição da Família Paulista (agora completa).

5 *S. Paolo*, abril-maio 1959; cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., pp. 191-192.

6 *Idem*, p. 192.

7 *Idem*, p. 192.

8 *S. Paolo*, fevereiro 1959; cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., p. 193s.

9 *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni, 1961*, Figlie di S. Paolo, Casa Generalizia, 2003.

10 *Alle Pie discepole del divin Maestro, 1963*, Casa Generalizia delle Pie discepole del divin Maestro, 1987.

«A Família Paulista está agora completa; não precisa de aggiornar-se como alguns beneméritos Institutos existentes com vários séculos, mas estudar as melhores vias para corresponder à confiança da Igreja que nos aprovou»; «aggiornamento no aprofundamento da vocação específica, no completo conhecimento da Família Paulista já completa, para avivar, rezar e formar os propósitos correspondentes»¹¹.

No início do curso dos “vinte dias” às Filhas de São Paulo, falando do significado do aggiornamento, o Primeiro Mestre afirmou: «Mas aqui, em geral, nota-se um grande erro: muitos tomam a palavra aggiornamento como se já não devesse fazer o que foi ensinado. ...O aggiornamento, como se deve entender? É aggiornamento às Constituições! Não melhorar as Constituições: ainda não se chegou a este ponto. Não. E depois as Constituições não são para melhorar substancialmente, porque ou se faz aquela vida ou não existe. Mas uniformar a vida às Constituições. ...Não “aggiornar” também as coisas, ou seja, o Instituto aos tempos, mas “aggiornar” as irmãs ao Instituto, às Constituições, para vivê-las bem»¹².

1.5.2. É útil reparar bem como ele entenda o “**aggiornamento**” para se terem critérios de compreender, e servir-nos deles nos dias de hoje para a “**fidelidade criativa**”. Durante a *Semana de aggiornamento às Mestras das Filhas de São Paulo* (11-18 de julho de 1955), o beato Alberione explicou: «Falemos do famoso aggiornamento! E em primeiro lugar devemos colocá-lo sob a proteção de São Paulo, o qual tendia sempre cada vez mais para a frente. Quer dizer: sempre cada vez maior amor a Jesus, sempre um cada vez mais amplo apostolado, com os olhos abertos para um lugar mais alto, para o céu. De facto a palavra aggiornamento pode ser entendida de modo diverso, mas estes dias, no vosso ambiente, poderiam sobretudo acontecer, em conformidade com o programa que foi feito, dias de progresso. ...Falar de aggiornamento pode até trazer perigos, isto é, entender mal o que significa aggiornamento. Os perigos são três: 1) querer reformar em primeiro lugar os outros e não a nós mesmos; 2) querer reformar o que não é reformável; 3) não querer, pelo contrário, reformar o que deve ser reformado»¹³.

Pouco tempo depois, referindo-se à *Semana de aggiornamento às Mestras das Filhas de São Paulo*, afirma: «Tenhamos o saber em grande apreço; se nós não progredimos no conhecimento, pouco a pouco ficamos atrás e seremos como aqueles médicos que se doutoraram há mais de trinta anos. Agora a medicina progrediu muito e já ninguém procura esses médicos, porque antes de mais não conhecem muitíssimas doenças e muito menos conhecem os medicamentos. Tendes que ser atuais para acompanhar o povo e o mundo em conformidade com a evolução científica. Quem não quiser saber de aggiornamento viveria como há sete séculos atrás, quando um instituto religioso tinha na regra que se deveria andar sempre a pé. Agora, naturalmente, pega-se na bicicleta para se chegar a tempo junto dos doentes. Nós temos que ser atuais. ...os Exercícios espirituais de aggiornamento, feitos para as Superiores em Roma ainda há pouco tempo, produziram um bem enorme. ...O aggiornamento faz rejuvenescer, deve-se sempre conservar o espírito jovem, porque não podemos ser um peso para as almas, e não podemos também acompanhar as almas se não as conhecermos, se não conhecermos a sua psicologia, a sua mentalidade e todo aquele conjunto de coisas que a vida hoje comporta. Quem hoje trabalharia com máquinas de imprimir de 1914? Naquele tempo pensavam-se 800 folhas numa hora, quando a máquina andava bem. Hoje tudo é automático e produz-se muito mais do que antes»¹⁴.

1.5.3. A **necessidade de atualização** deixada como herança pelo Fundador a todas as instituições da Família Paulista e expressa pela frase acima citada: “**O aggiornamento faz rejuvenescer, deve-se sempre conservar o espírito jovem**”, foi repetida por ele mesmo noutras formas. Temas constantes da sua vida e da sua pregação são: “**lanço-me para a frente**” (protendomi in avanti) segundo o modelo de São Paulo; “**progredir um bocadinho a cada dia**” (un tantino ogni giorno), “**sempre em caminho**”, “**sempre a caminhar**”, “**melhorar continuamente**”, “**caminhar com os tempos**”,

11 S. Paolo, fevereiro 1959; cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., pp. 194-195.

12 *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., 7.

13 *Alle Figlie di S. Paolo*, 1955, Figlie di S. Paolo, Casa Generalizia, 2010, p. 531.

14 *Idem*, p. 438.

“santos e santas de hoje, não dos séculos que já passaram”, “salvar as almas de hoje”, “não cristalizar-se”, “nunca parar”, “crescer, crescer”, etc.

O carisma paulista, inspirado pelo Espírito, elaborado pelo beato Alberione e reconhecido pela Igreja, é dinâmico, em movimento, itinerante, em marcha, em sincronia permanente com as mudanças da Igreja, da sociedade, da cultura e da comunicação.

Fazer passar o carisma paulista de “nômada” para “sedentário” significaria desnaturalizar a identidade, bloqueando-o com formulações teológicas típicas de um momento especial da história da Igreja, ou sobre categorias culturais de uma sociedade específica e sobre a comunicação existente numa certa época histórica, em vez de assumir “os **meios mais céleres e eficazes que o progresso inventa**” para evangelizar os contemporâneos, propondo-lhes Cristo integral e interpretando qualquer realidade humana com os valores evangélicos.

1.6. Metodologia de reflexão sobre o UPS

1.6.1. Tendo em conta que os conteúdos do UPS constituem a “**síntese**” final da identidade do carisma paulista como foi pensada, vivida e formada nos Paulistas pelo beato Tiago Alberione, é indispensável uma leitura atenta de quanto ele afirma. Temos que descobrir nos elementos da vida Paulista já descritos os **valores constitutivos do carisma**, que não podemos abandonar ou desnaturar, mas também a **formulação histórica** destes valores irrenunciáveis, que ele elaborou utilizando a teologia, a cultura e a comunicação do seu tempo.

A **primeira interpretação** do carisma paulista operada pelos paulistas, enquanto o Fundador ainda vivia mas sem a sua participação direta, aconteceu com sucesso durante o **Capítulo Geral Especial de 1969-1971**, cujos **15 Documentos**¹⁵ constituem ainda uma fonte de ensinamentos preciosos e um modelo de referência para a metodologia. O **objetivo principal** do Capítulo Geral Especial foi a reelaboração da integralidade do carisma paulista a partir dos conteúdos dos 16 documentos do Concílio Vaticano II.

1.6.2. Depois de uma leitura atenta e depois de ter reunido as passagens sobre o mesmo tema tratado pelo Primeiro Mestre em instruções diversas, isolados os valores irrenunciáveis do carisma paulista, deve-se passar à sua **atualização** propondo uma reelaboração para hoje que tenha em conta a situação atual na Igreja, na sociedade, na cultura, na comunicação e na congregação.

O contexto eclesial do **Ano da fé** (11 de outubro de 2012 – 24 novembro de 2013), decretado por Bento XVI para comemorar o 50.º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e os 20 anos da publicação do **Catecismo da Igreja Católica**, orientará a proposta de atualização, onde será prioritária a releitura do carisma paulista à luz dos documentos conciliares e do magistério universal pós conciliar. A segunda metade dos cem anos do carisma paulista já vivida depois do Concílio Vaticano II, com toda a Igreja, foi uma boa ocasião para reavivar o carisma paulista com o repensamento original da fé operado pelo Vaticano II.

2. AS CONSTITUIÇÕES

2.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

2.1.1. No programa do mês de exercícios espirituais, as **meditações** foram confiadas a sacerdotes paulistas, as **conferências confiadas** a sacerdotes e a discípulos paulistas escolhidos pelo próprio Fundador e as **instruções**, que incluem a leitura de artigos das **Constituições** (edição de 1957), são todas feitas pelo beato Alberione e ilustram as diversas componentes do carisma e da vida Paulista.

2.1.2. E porque a primeira finalidade do curso extraordinário de exercícios espirituais é o “**aggiornamento da nossa vida às Constituições**”, o argumento foi tratado nas várias instruções das quatro semanas com a leitura de alguns artigos, que não segue sempre uma ordem progressiva e

¹⁵ *Documenti Capitolari* (=DC), Capitolo Generale Speciale 1969-1971, Casa Generalizia Società, San Paolo, Roma 1972 e Alba 1982.

que às vezes não é nem sequer objeto do raciocínio do discurso, e com comentários. A recolha que vem a seguir reúne algumas passagens das citações relativas.

Legenda: **I, II, III, IV** indicam as quatro semanas ou secções do UPS; **1, 2**, etc., evocam os números marginais utilizados na edição crítica.

* **I**, 12, 13, 14, 15, 16, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 81, 82, 83, 84, 114, 115, 148 (evocam os artigos lidos em 114 e 115), 180 (evoca os artigos lidos em 81 e 82), 183, 216 (evoca os artigos lidos em 82, 83 e 84), 220, 221, 249, 250, 251, 283, 312, 313, 342, 343, 344, 370, 371, 414, 415, 448, 449, 450, 487, 488, 520, 521;

* **II**, 8, 26, 27, 56, 72, 102, 119, 147, 168, 189, 204, 230, 245;

* **III**, 8, 29, 56, 75, 101, 102, 125, 181, 182, 204, 206, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 246, 247, 248, 249, 281, 282, 283, 284, 285, 286;

* **IV**, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 27, 85, 117, 137, 163, 164, 188, 214, 233, 234.

2.2. Os valores paulistas

2.2.1. As Constituições são a **carta de identidade** da Congregação e o objetivo de um “**aggiornamento da própria vida às Constituições**” é explicado pelo beato Alberione: «Sentido preciso: o bom cristão deve todos os dias atualizar ou conformar as andanças de sua vida com o Evangelho; o bom religioso deve todos os dias atualizar ou conformar as andanças da própria vida com as Constituições, que, segundo Pio XI, são a aplicação concreta do Evangelho à prática dos conselhos evangélicos, para a perfeição e para o apostolado» (I,12).

As Constituições traçam a **fisionomia do paulista**: «Se a principal finalidade deste Curso é atualizar a nossa vida às Constituições, estas devem ser lidas e meditadas para conformar com elas os pensamentos e a vida inteira. Elas traçam a particularidade da nossa vida quanto ao espírito, ao estudo, ao apostolado e à pobreza» (I,44).

Quando voluntariamente se aceita fazer parte da Congregação, empenhando-se em observar as Constituições, o paulista encontra o seu “**estilo de vida**”: «Depois de emitida a Profissão, as Constituições devem tornar-se como que a única via da santificação. Aquilo que se fizer contrário a elas, ou até fora delas, é contra a vontade de Deus ou está fora da vontade de Deus. ...Com a Profissão aceitou-se como válido o princípio de que cada raciocínio prático, o “*si vis perfectus esse*”, é a razão de ser do Estado religioso» (I,50-51).

2.2.2. As **redações sucessivas** das regras da vida paulista empenharam o Fundador durante vários anos, para conseguir a aprovação diocesana e pontifícia. A edição de 1957 utilizada durante o curso extraordinário de exercícios espirituais contém o texto aprovado pela Santa Sé (em 27 de junho de 1949) integrado com artigos marcados com um asterisco para indicar os acrescentos recentes que a própria Santa Sé concedeu, naquela altura, *ad experimentum*.

O beato Alberione foi explícito no seu juízo: «As nossas Constituições são das melhores, porque tendo-se consultadas as melhores que existiam, nós ficamos com o melhor. E devo dizer: se tivesse ainda encontrado outra coisa melhor, mais adaptada aos tempos, como a piedade ou o apostolado, tê-la-ia introduzido. A vós, caríssimos, propus o que há de melhor: procurei – como dizer – adornar a mesa do melhor; e a Santa Sé pôs aí o seu supremo sigilo» (I,52).

2.2.3. As Constituições, no pensamento do Primeiro Mestre, precisam de um complemento: «os artigos das Constituições são frios e secos; é preciso dar-lhes uma alma; e esta alma está no formulário das nossas orações, nas coroinhas e instruções, como estão no nosso **livro de orações**. Se as Apreciarmos e recitarmos com o coração, aos poucos entrará na nossa alma o espírito da Congregação» (I,47).

Noutra instrução o Fundador precisa: «Os cânones e os artigos são frios como o mármore; mas para além deles existe toda uma vida espiritual. O **livro das nossas orações** é mais importante pelas introduções – espírito – que pelas fórmulas. Logo no início está um *Convite* geral; depois, antes de cada *prática* (Confissão, Comunhão, Missa, Meditação, Retiro mensal, Exame de consciência, Visita ao SS.º Sacramento, etc.), existe uma introdução especial que explica como a piedade dá

alma às regras e a cada um dos artigos; e comunica o espírito que informa o dia paulista e o apostolado. ...Sob este aspeto são mais úteis as introduções que as fórmulas por si só» (I,310-311).

2.2.4. A integração entre as **Constituições** e o **livro das orações** consente traçar o perfil do **espírito paulista**. «O espírito de um Instituto foi definido da seguinte maneira: “um modo característico e permanente de ver, sentir e querer, até a reproduzi-lo na vida”. No fundo, reduz-se a isto: viver integralmente o Evangelho de Jesus Cristo Caminho, Verdade e vida, como foi interpretado por São Paulo, sob o olhar de Maria, Mãe, Mestra e Rainha» (I,51; cf. AD 93).

2.3. A atualização

2.3.1. Ilustrando o primeiro objetivo a alcançar com o curso de exercícios, o Fundador junta os seguintes valores: a importância das **Constituições e do diretório**, integrados com o **livro das orações paulistas** para viver o **espírito paulista**. Para ele, a primeira identidade do paulista é ser um membro que aderiu livremente à Congregação da Sociedade São Paulo, abraçando o **estado de vida consagrada** no qual se “tende à perfeição através da observância” das Constituições (cf. AD 23-24). Com a vontade de valorizar para atualizar os ensinamentos específicos dos documentos do Concílio Vaticano II e do magistério pós conciliar, a constituição dogmática *Lumen gentium* (de 21 de novembro de 1964) – capítulos V (*Vocação universal à santidade na Igreja*) e VI (*Os religiosos*) – e o decreto *Perfectæ caritatis* (de 28 de outubro de 1965) revelam-se indispensáveis para um aprofundamento da “**teologia da vida consagrada**”.

Se bem que o Vaticano II não tenha querido elaborar um tratado completo ou uma síntese harmoniosa sobre a vida religiosa, todavia os textos indicados constituem uma base de partida que modifica a visão tradicional. Simplificando, pode-se descrever a **mudança** de fundo nestes termos: o quadro teológico precedente definia a vida religiosa como um estado de vida “de perfeição pessoal” que exige ao indivíduo o empenhamento oficial de uma constante “ascese moral”; com o Vaticano II a vida religiosa não é prioritariamente um estado especial de perfeição pessoal, mas é “um entre vários estados” de vida da Igreja que, como os outros, é chamado à santificação.

Nos documentos conciliares nunca se encontra a definição da vida religiosa como “**estado de perfeição**”, como se o religioso fosse um “super cristão” chamado a fazer parte de uma classe privilegiada de “justos”, ao mesmo tempo que todos os outros batizados só devem contentar-se com o batismo. A vida religiosa é “**uma**” das maneiras através das quais todos os batizados são chamados à “perfeição”, que o Concílio entende como “santificação”. O capítulo VI da *Lumen gentium* e o decreto *Perfectæ caritatis* têm como fundamento o capítulo V da *Lumen gentium*: o chamamento universal à santidade de todos os batizados. A perfeição não é monopólio dos religiosos.

O **específico** da “via” para a santificação do religioso está na escolha dos **meios**: a profissão dos conselhos evangélicos e a vida comunitária com um apostolado específico. Só há um fim em vista: a perfeição entendida como santificação; diversos são os meios para alcançá-lo: a observância dos conselhos evangélicos e a vida comunitária, mais uma missão particular.

2.3.2. O ensinamento conciliar enfrentou também a relação entre vida consagrada “**contemplativa**” e vida consagrada “**ativa**”. Existem duas vias distintas no estilo de vida do religioso? Porque é que durante alguns séculos passados se considerou na Igreja a vida contemplativa ou monástica como o critério ideal para julgar qualquer outra forma de vida religiosa, o Concílio trata o tema no número 8 da *Perfectæ caritatis*.

Ao considerar como **ideal** da vida religiosa a vida contemplativa, a teologia espiritual exaltou durante séculos o empenhamento ascético pessoal e a dedicação exclusiva à oração, apresentando a atividade apostólica como um empenhamento “exterior” que pode fazer de freio ou ser um obstáculo, ou então um verdadeiro perigo, para a vida “interior”. Assim se chegou a uma **dicotomia** entre “vida interior” e “empenhamento exterior” que levava a teorizar o primado absoluto da contemplação sobre o empenhamento apostólico.

O ensinamento do Vaticano II, sem nada retirar à identidade do ideal contemplativo, apresenta a vida apostólica no seu valor positivo para a santificação e renova a reflexão sobre a relação entre

“oração” e “ação”.

O decreto *Perfectæ caritatis*, referindo-se aos Institutos de vida “ativa”, afirma: «Nestes Institutos, a ação apostólica ou caritativa faz parte da **própria natureza** da vida religiosa» e é por isso que existem duas formas de vida religiosa diversa mas com igual dignidade: a vida contemplativa e a vida ativa. Na vida ativa, “oração” e “ação apostólica” realizam-se uma mediante a outra, fecundando-se reciprocamente, sem estarem em oposição, havendo até uma **unidade concreta entre consagração e missão**: «Toda a vida religiosa dos seus membros deve estar embebida de espírito apostólico e toda a ação apostólica deve andar animada de espírito religioso» (cf. PC 8).

2.3.3. Considerada a nova visão eclesiológica da vida religiosa e a riqueza da reflexão conciliar, Paulo VI, pelo motu proprio *Ecclesiae sanctæ* (de 6 de agosto de 1966), indica a todas as instituições religiosas normas concretas para a aplicação do *Perfectæ caritatis*, empenhando-as num “**renovamento**” global que inclui também uma adaptação das Regras e das Constituições.

O Capítulo Geral Especial de 1969-1971 também se ocupou da **revisão das Constituições**, fazendo para aí confluir a reelaboração integral do carisma paulista à luz dos documentos do Vaticano II. Em **4 abril de 1984** a Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos seculares aprovaram as Constituições que se encontram hoje em vigor.

A linha operativa 4.2.2 do **VIII Capítulo Geral** estabelece: «Em vista do próximo Capítulo Geral, o Governo Geral proceda à revisão e ao aggiornamento das Constituições». Para o aggiornamento de toda a normativa da Congregação (Constituições e diretório, Serviço da autoridade na Sociedade São Paulo. Manual, *Ratio formationis*), a linha operativa 4.2.1 do **IX Capítulo Geral** estabelece: «O Governo geral constitua, já durante este ano, uma comissão de trabalho que ordene o material até agora recolhido e, co-envolvendo as comunidades, sugira ulteriores melhoramentos a propor ao Intercapítulo em vista da aprovação no próximo Capítulo Geral».

A comissão foi nomeada e está a trabalhar há já algum tempo segundo as indicações queridas pelo Capítulo geral. O próximo **Intercapítulo** (fevereiro de 2013) tomará em consideração o trabalho da Comissão.

Para envolver no melhor modo possível as comunidades na revisão das Constituições, tendo em conta o conteúdo do UPS, além do que já foi programado pela comissão para a revisão da normativa, decidi, com o consentimento unânime do Conselho Geral, que o segundo ano de preparação para o jubileu de 2014 (de 20 de agosto 2012 – 20 agosto de 2013) seja também vivido como o **Ano das Constituições**. Cada paulista e todas as comunidades poderão assim empenhar-se, pessoalmente e como comunidade, na leitura, reflexão e exame das Constituições, propondo à comissão encarregada as sugestões que considerarem oportunas.

2.3.4. Para harmonizar com a reflexão eclesial a dimensão do carisma paulista relativa à “teologia da vida consagrada”, é oportuno aprofundar **outros documentos pós-conciliares** do magistério universal: *Renovationis causam. O aggiornamento da formação à vida religiosa* (de 6 de janeiro de 1969), *Evangelica testificatio* (Paulo VI, de 29 de junho de 1971), *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa* (de 31 de maio de 1983), *Redemptionis donum* (João Paulo II, de 25 de março de 1984), *Potissimum institutioni. Diretrizes sobre a formação nos Institutos religiosos* (de 2 de fevereiro de 1990), *A vida fraterna em comunidade* (de 2 de fevereiro de 1994), *Vida consagrada* (de João Paulo II, de 25 de março de 1996), *Repartir de Cristo* (de 19 de maio de 2002) e *O serviço da autoridade e a obediência* (de 11 de maio de 2008).

Após o Vaticano II, a reflexão sobre a “teologia da vida consagrada” foi objeto de convénios internacionais, reuniões continentais e nacionais, publicações e artigos de revistas de todos os continentes com a preocupação de a “aggiornar”, atualizá-la, renová-la, relançá-la e até refundá-la. A nossa editorial paulista contribuiu para a investigação eclesial com publicações a nível mundial.

2.3.5. Sendo conscientes da importância irrenunciável que o Fundador atribuiu ao **livro das orações da Família Paulista**, preparado por ele para as instituições da Família Paulista durante longos anos, vigiando cuidadosamente cada edição e reservando-se, pessoalmente, mesmo qualquer mínima mudança.

Exatamente porque se trata de um “**património espiritual**” de toda a Família Paulista, o Superior Geral da Sociedade São Paulo e as Superiores Gerais das quatro Congregações femininas paulistas,

em 8 de maio de 2007, constituíram uma Comissão intercongregacional para estudar “**a origem, a evolução e o fundamento histórico**” de tudo o que contém o livro das orações paulistas. A Comissão entregou já há algum tempo o material precioso, fruto de um sério trabalho de documentação. Por isso, dispõe-se agora de uma **investigação prévia indispensável**, que inclui as fontes a que o Primeiro Mestre foi beber para formular as orações, a originalidade do método que ele usou para envolver a variedade convergente dos apostolados da Família Paulista numa única espiritualidade, as redações finais e de estreita paternidade alberioniana.

A partir desta documentação certa, para um renovamento é preciso unir três estudos especiais: conhecer o espírito da “metodologia redacional” do beato Alberione; ter em conta a evolução bíblica, teológica, litúrgica, pastoral e espiritual de agora; propor uma redação em que os vocábulos, a sintaxe e a expressão sejam simples e fiéis ao espírito do Fundador. Uma comissão intercongregacional está pronta para tentar esta **aventura audaz**, em que ao ardil de mexer na “forma de rezar” da Família Paulista, que não é um simples conjunto de práticas e de orações, se junta a trepidação para salvaguardar o “espírito específico”, o “espírito paulista” querido pelo Fundador.

Encontramo-nos perante um texto que não é suficiente “aggiornar”, mudando só algumas palavras, modificando uma expressão antiquada ou acrescentado algumas novidades terminológicas. A importância e a delicadeza da operação deveria desencorajar qualquer **tentativa solitária ou de pequeno grupo** que se lançasse em redações expeditivas e autónomas. Considero que seria melhor compor orações novas inspiradas no “espírito paulista” do que tentar “corrigir” as que foram criadas pelo beato Alberione.

2.3.6. Para atualizar o significado de “**espírito paulista**”, considerado uma verdadeira novidade pelo Fundador, tem em primeiro lugar que se entender como ele o percebeu, recorrendo até a algumas definições oferecidas na animação às instituições da Família Paulista.

Por ocasião da celebração do primeiro Capítulo Geral (1957), o beato Alberione sintetiza o espírito paulista: «A Congregação Paulista quer viver e dar inteiramente Jesus Cristo como o interpretou, viveu e o deu ao mundo inteiro São Paulo Apóstolo»¹⁶.

Durante o curso extraordinário de exercícios às Filhas de São Paulo, afirma: «É Jesus Cristo interpretado por São Paulo, e assim interpretado forma o espírito paulista»¹⁷.

Na explicação dada às Pias Discípulas do Divino Mestre durante o curso extraordinário de exercícios, confirma: «Este é o espírito paulista: viver em Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, segundo o que São Paolo apresenta, Jesus Cristo, o Mestre. Daqui a necessidade de ler São Paolo. ...Portanto, a vida em São Paulo e através dele. Como Jesus foi explicado e apresentado por São Paulo...»¹⁸.

2.3.7. O “espírito paulista”, entendido como o **específico** de toda a Família Paulista, não é só espiritualidade, mas caracteriza todas as “**rodas do carro paulista**” porque a integralidade paulista, tendo como modelo São Paulo, deve tender para uma **santidade apostólica** que vive o “para mim viver é Cristo” e o “já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” para “fazer-se todo em todos” mediante a comunicação e outros apostolados hoje necessários.

Portanto, quando o Primeiro Mestre fala de “**espírito paulista**” entende indicar São Paulo como modelo do dinamismo contínuo do paulista, para que este viva a sua fé em Cristo total num processo contínuo e progressivo de “crisificação” e, em força desta semelhança cada vez maior, imite São Paulo na pregação de Cristo a todos. Para merecer o nome de “Paulistas” devemos aceitar o convite de São Paulo, «sede meus imitadores como eu o sou de Cristo» (1Cor 11,1) em viver a fé e na pregação apostólica.

São Paulo foi o modelo inspirador da **Sociedade São Paulo** ao iniciar a evangelização “com a pregação escrita”, repetidamente reproposto com a expressão de Mons. Wilhelm von Ketteler: «Se São Paulo vivesse hoje, seria jornalista». Com a continuidade das fundações, o beato Alberione amplia a aplicação: «A Família Paulista deve ser São Paulo vivo hoje, segundo a mente do Mestre

16 S. Paolo, abril 1957, cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., p. 159.

17 *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., 389.

18 *Alle Pie discepole del divin Mestre*, 1963, cit., 166 e 167.

Divino»¹⁹; «A Família Paulista, composta por muitos membros, seja Paulo-vivo num corpo social. Conhecer e meditar São Paulo na vida, obras, cartas: onde pensar, raciocinar, falar, operar como ele e invocar a sua assistência paternal»²⁰.

2.3.8. Na ideia do Fundador, quanto mais se conhecer, assimilar, imitar e rezar a São Paulo, tanto mais se merece o nome e se é de facto “Paulistas”, “filhos de São Paulo”.

A atualização do “espírito paulista” da Congregação e da Família Paulista encontra uma fonte de renascimento privilegiado no estudo e assimilação do pensamento e da atividade evangelizadora de São Paulo. **Somos tanto mais Paulistas quanto mais se pensar e se agir como São Paulo.**

Este programa de vida, que é a substância da nossa identidade, deve conseguir ter instrumentos concretos para melhorar o conhecimento e a semelhança com São Paulo. A Congregação, em comunhão com toda a Igreja, viveu o **Ano de São Paulo** desde 28 de junho de 2008 até 29 de junho de 2009. Lembro dois frutos ligados a este acontecimento: a publicação, na *Opera omnia*, de **L'apostolo Paolo, ispiratore e modello**²¹ e a celebração do **Seminário internacional sobre São Paulo** (19-29 de abril de 2009), do qual foram publicadas as Atas²².

Um contributo para a atualização do “espírito paulista” foi indicado pela **linha operativa 3.3.2** do IX Capítulo Geral: «Os Governos circunscricionais valorizem o conteúdo dos seminários internacionais “A atualização do carisma paulista no terceiro milénio: espiritualidade e missão” (2008) e “Seminário internacional sobre São Paulo” (2009), elaborando subsídios para a animação e para os projetos comunitários».

3. A Família Paulista

3.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

3.1.1. O segundo fim do curso extraordinário de exercícios foi o “**aggiornamento do Instituto à Família Paulista**” e o beato Alberione desenvolve o tema em:

* **I, Apartados com o Mestre:** 17, 18, 19, 20; **Apostolinas:** 122-126, 340; **Formação à pastoralidade:** 426, 427; **Pastorinhas:** 427;

* **II, Pias discípulas do divino Mestre:** 71;

* **III, Institutos seculares:** 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110; **Integração entre os Institutos da Família Paulista:** 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191.

3.1.2. In *Abundantes divitiæ gratiæ suæ* o Primeiro Mestre apresenta as instituições que compõem a Família Paulista em finais de 1953: União dos Cooperadores da Boa imprensa, Pia Sociedade de São Paulo, Pia Sociedade Filhas de São Paulo, Pias Discípulas do Divino Mestre, Irmãs de Jesus Bom Pastor (AD 33-35); e acena às dificuldades encontradas (cf. AD 131-135, 163-167). No UPS ele afirma com determinação: «A Família Paulista está agora completa» (I,19) e dá a lista dela: Pia Sociedade de São Paulo, Filhas de São Paulo, Irmãs Pias Discípulas de Jesus Mestre, Irmãs de Jesus Bom Pastor, Irmãs de Maria Regina Apostolorum, Instituto Jesus Sacerdote, Instituto São Gabriel Arcanjo, Instituto Maria SS^a. Anunciada, União dos Cooperadores.

O **Instituto Santa Família** obteve o decreto pontifício de aprovação por 10 anos em 19 de junho de 1982, e em 19 de março de 1993 a aprovação pontifícia definitiva. O percurso histórico da aprovação do Instituto como “obra própria da Sociedade de São Paulo” permite duas conclusões: 1) o empenhamento pela santificação da Família através de uma **consagração especial** é certeza impugnável no pensamento do beato Alberione; os Decretos da Santa Sé de 1982 e de 1993 são as referências jurídicas para estabelecer a data de fundação oficial.

Pregando a outras instituições da Família Paulista, o beato Alberione reafirma a certeza de ter

19 S. Paolo, julho-agosto 1954; cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., p. 147.

20 S. Paolo, outubro 1954; cf. *Anima e corpo per il Vangelo*, a cura del Centro de Spiritualità Paulista, Roma 2005, p. 63.

21 S. Paolo, outubro 1954; cf. *Anima e corpo per il Vangelo*, a cura del Centro de Spiritualità Paulista, Roma 2005, p. 63.

22 *Seminario internazionale su S. Paolo*, Sociedade S. Paulo, Casa Generalizia, 2009.

“realizado a missão recebida do Senhor” para fundações, e volta a propor delas a lista detalhada. Retoma o argumento no curso extraordinário de exercícios às Filhas de São Paulo²³; no curso extraordinário às Pias Discípulas do Divino Mestre²⁴; na pregação às Irmãs de Jesus Bom Pastor²⁵; aos Institutos paulistas agregados²⁶.

3.2. Os valores paulistas

3.2.1. A certeza de “**ter recebido uma missão**” do Senhor foi forte e constante: «Senti a mão de Deus; mão paternal e sábia, apesar das inúmeras insuficiências» (I,17); «A mão de Deus esteve sobre mim, de 1900 a 1960. ...Sinto a gravidade, perante Deus e os homens, da missão que me foi confiada pelo Senhor; o qual se tivesse encontrado uma pessoa mais indigna e incapaz tê-la-ia preferido. Todavia isto é para mim e para todos garantia de que o Senhor quis e fez tudo Ele» (I,374). A Família Paulista é no seu conjunto uma **obra querida por Deus na Igreja**: «O beato Alberione foi um instrumento eleito por Deus para esta missão» (*Id.*), ainda que o verdadeiro fundador seja **São Paulo** (cf. AD 2).

3.2.2. As sucessivas fundações enumeradas pelo beato Alberione, 5 Congregações religiosas, 3 Institutos agregados e 1 Associação de leigos, foram por ele descritas como partes de um **projeto único de “nova evangelização”** com o espírito de São Paulo: «Com estas organizações, que têm caráter internacional, a Pia Sociedade de São Paulo pode estender as suas riquezas a todos e dar ao mundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e vida» (I,20). «Estas instituições são como a parte diretriz, como numa paróquia há: o Pároco, os Coadjuutores, a Ação católica, a catequese, o apostolado do cinema e da imprensa; dirigentes com atividades para a juventude, os adultos, os artistas; para enfermos, para as vocações, para o cântico sagrado, para a ação política e social, beneficência, para a conversão dos irmãos separados, dos ateus, dos pagãos, etc. ...A **imensa paróquia Paulista**, que por limites tem somente os confins do mundo, e por grei quem está já no redil, ou quem se quer trazer para o redil» (I,381-382).

3.2.3. Desta data é também a descrição do que cria “**unidade**” e do que constitui a “**diversidade**”: «Deve ser uno o espírito, o que está contido no coração de São Paulo, “*cor Pauli, cor Christi*”; são iguais as *devoções*; e os vários *fins* convergem num fim comum e geral: dar Jesus Cristo ao mundo, de modo completo, como Ele se definiu: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6)» (I,20).

«Como estão estes Institutos unidos?

1. Pela origem comum.
2. Pelo fim geral.
3. Pelo mesmo espírito paulista, mesmo na diversidade das obras.
4. Pela atividade convergente, cooperante, dinâmica, alimentada pela única linfa» (I,381).

Três princípios práticos para regular as **relações** entre as componentes da Família Paulista:

- 1) «As várias instituições da Família Paulista terão alimento e vitalidade da Pia Sociedade de São Paulo»; 2) «Unidas nos apostolados»; 3) «Compreender-se e amar-se» (I,382).

«Cada Instituto tem a sua aprovação. Cada Instituto tem um governo próprio. Cada Instituto tem as próprias Constituições. Cada Instituto tem a própria administração. Cada Instituto tem o próprio apostolado. Todos os Institutos considerados juntamente formam a Família Paulista. Todos os Institutos têm uma origem comum. Todos os Institutos têm um espírito comum. Todos os Institutos têm fins convergentes» (III,185).

3.3. A atualização

23 Cf. *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., 224-228, 276, 379-380.

24 Cfr. *Alle Pie discepole del divin Mestre*, 1963, cit., 161-168.

25 Cf. ad es. *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, 1963, 400; *idem*, 1964, 173; *idem*, 1965, 325. Casa Generalizia, Suore di Gesù Buon Pastore, Roma 1984.

26 Cf. *Meditazioni per consacrate secolari*, a cura della Casa Generalizia della Pia Società S. Paolo, Modena 1976, pp. 481-488.

3.3.1. O valor sobrenatural que deve inspirar a fidelidade criativa no pensar, organizar e viver como Família Paulista é o testemunho do Primeiro Mestre: todas as suas fundações são uma “**obra de Deus**”, suscitada e alimentada pelo Espírito.

Para daqui tirar algumas consequências práticas desta certeza de fé, deve-se aprofundar o significado de “obra de Deus” no pensamento do Primeiro Mestre. Nalgumas circunstâncias o Fundador precisou que em 20 de agosto de 1914, ao iniciar a Sociedade São Paulo, **iniciou de facto toda a Família Paulista**: «Há 40 anos deu-se o início da Família Paulista... uma Família que devia nascer aos poucos»²⁷. Ainda que as fundações se tenham sucedido no tempo e iniciadas quando a «luz do Espírito se acendeu», o beato Alberione tinha a intuição, progressivamente elaborada, de um “**projeto único de nova evangelização**” a realizar-se em unidade de espírito mas com forças diversas confluentes numa organização.

A Família Paulista, portanto, não é a simples soma das instituições fundadas pelo beato Alberione em tempos distintos, mas cada uma foi pensada como “convergente, cooperante, dinâmica” nos confrontos de todas as outras. A pertença à Família Paulista é para cada instituição um **elemento imutável** do carisma, porque a identidade completa de cada uma não é apenas “**intrínseca**” para o seu apostolado específico, mas é também “**relacional**” pelo contributo particular que dá ao conjunto pensado como totalidade.

Conhecendo a oportunidade das celebrações em vista do Centenário, temos que nos interrogar se a unidade dos apostolados diversos da Família Paulista deve permanecer visível nos seus efeitos espirituais apenas à Providência ou não poderá também ser organizada visivelmente na atualidade com um mínimo de “**projeto de nova evangelização da Família Paulista**”. A elaboração do “projeto de Família Paulista” deve incluir também este “código ético das relações” recíprocas nas atividades apostólicas, deve ser considerado correto e necessário. Todavia, a “organização” da Família Paulista como “obra de Deus” exige sobretudo basear-se no que temos de comum, o espírito de São Paulo, se quisermos ser “**uma carta de São Paulo dirigida aos homens de hoje**”, ou, mais do que isso, “**São Paulo vivo hoje**”.

3.3.2. Para uma fidelidade criativa é necessário que nos sintamos “corpo místico”, assumindo a visão de Igreja como “**povo de Deus**” e como “**comunhão**”, e que operemos todos conjuntamente para «evangelizar os homens de hoje com os meios de hoje». Os textos do Vaticano II muito nos ajudam neste ponto: *Lumen gentium*, em especial os capítulos II e IV; *Gaudium et spes* (7 de dezembro de 1965), em especial o capítulo IV; o decreto *Apostolicam actuositatem* (18 de novembro de 1965) sobre o apostolado dos leigos; *Ad gentes* (7 de dezembro de 1965) sobre a atividade missionária.

A **eclesiologia de comunhão** do Vaticano II ajuda a repensar não apenas a **convergência dos apostolados** na Família Paulista, mas também a **qualidade do ministério** do sacerdote e do discípulo paulista, da irmã, do leigo consagrado e do laicado católico.

Desejando empenhar todos a viver uma fé missionária, o Fundador quis o **sacerdócio paulista** como mínimo dominador comum de todos os apostolados da Família Paulista. Este pressuposto não se baseia apenas na teologia do sacerdócio e do apostolado do seu tempo; mas porque o próprio beato Alberione quis “dilatar” nas escolhas práticas do apostolado a categoria de “sacerdócio”, não por uma dependência “clerical”, mas por uma eficácia “**sacramental**” dos vários apostolados paulistas.

O envolvimento do discípulo, da irmã e do leigo na pregação paulista, descrito pelo Primeiro Mestre como “quase-sacerdócio”²⁸, deve ser aprofundado e **novamente expresso** hoje com tudo aquilo que o Vaticano II afirma sobre o **sacerdócio ministerial**, o **sacerdócio dos fiéis** e o **apostolado dos leigos**.

3.3.3. A unidade na **espiritualidade comum** é um **elemento imutável**: «A união de espírito. Esta é a parte substancial. A Família Paulista tem uma só espiritualidade: viver integralmente o Evangelho; viver o divino Mestre enquanto ele é Caminho, Verdade e Vida: vivê-lo como o compreendeu o seu discípulo São Paulo. Este espírito forma a alma da Família Paulista. ...Não é nenhuma

27 *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, 1962, Casa Generalizia Suore di Gesù Buon Pastore, Roma 1984, 314.

28 Cf. AD 40-42; *Alle Figlie di S. Paolo*, 1955, cit., p. 73.

espiritualidade especial. ...o Evangelho une a todos; vivido integralmente significa espiritualidade cristã; que é única, a verdadeira, a necessária espiritualidade para todos. Ocupações diversas, mas espírito único» (III,187-188)²⁹.

O **título adjacente** nas diversas Instituições (Jesus Bom Pastor, São Pedro, São Gabriel, etc.) é só por causa do apostolado específico: «O espírito da Família Paulista está na devoção a Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida. Depois deste, cada Instituto da Família tem um apostolado indicado e o título que se dá é um título indicativo do apostolado. Como, por exemplo, se acrescenta a Jesus o título Bom Pastor porque indicativo do apostolado. Como se indica – segundo título – as Pias Discípulas de Jesus Mestre na eucaristia, e depois as Anunciatinas, os Gabrielinos, etc.»³⁰.

3.3.4. «A Pia Sociedade de São Paulo é **altriz**» (cf. I,376) em relação às outras instituições da Família Paulista: «O calor e a luz vital devem descer dos sacerdotes paulistas que aqui têm um grande e delicado ministério. Por isso, impõe-se, em segundo lugar, o *aggiornamento deles às diversas instituições*: para dar o que devem dar, em conformidade com as regras do direito Canônico, e receber em contra partida o que é conforme com a natureza e com o espírito da Igreja» (I,20).

Para pensar e viver com fidelidade criativa a função de “**altriz**” confiada à Sociedade São Paulo nos confrontos da Família Paulista, deve-se entender a **vontade do Fundador** e, ao mesmo tempo, repensar este serviço com a **eclesiologia de comunhão** do Vaticano II. Um instrumento útil para estas reflexões são os conteúdos do V Encontro dos Governos Gerais da Família Paulista (em 12-20 de setembro de 1987) sobre o tema “*O ministério da unidade na Família Paulista*”³¹.

O ministério de “altriz” exercido pelo beato Alberione é **único e irrepetível**, porque ele é o único Fundador. Os seus sucessores e os sacerdotes paulistas devem exercer tal função, fazendo tesouro da experiência que veio após a sua morte até aos dias em que vivemos, repensando-a – em comum com as outras instituições – no contexto eclesiológico atual.

O serviço de animação, que os sacerdotes paulistas fazem nas várias instituições da Família Paulista no mundo, precisa de um **constante melhoramento** não apenas como exercício qualitativo do ministério sacerdotal em si, mas especialmente em ordem àquilo que o beato Alberione chamou “o *aggiornamento às várias instituições*”. A função de “altriz” deve ser o fruto de um **sacerdócio “paulista”**, ou seja, uma experiência comum de espiritualidade paulista e de conhecimento do específico apostolado, porque a animação oferecida não é “genérica” nem nos conteúdos da vida de fé nem em suas aplicações apostólicas.

Como sacerdotes paulistas, devemos viver e fazer viver os exercícios espirituais, os retiros, as meditações, as homilias, as conferências, deixando-nos guiar segundo este precioso **testemunho** do Primeiro Mestre: «Ouvi há alguns anos uma coisa que me fez uma certa impressão, e é: durante um curso inteiro de Exercícios nunca se nomeara a palavra “apostolado”. Como podem as irmãs ter persuasão e entusiasmo pela redação e pela técnica, e especialmente pela propaganda? Em casos destes a missão executa-se materialmente, com dificuldade. Mas se se explicar a função que tem a redação, que tem a técnica, a função sobretudo que tem a propaganda – a sua parte principal – quais as vantagens que poderão daí vir, quantos méritos se podem ganhar, então...»³².

Porque fala às Filhas de São Paulo, o Fundador exemplifica em conformidade com a seu apostolado; mas a aplicação é facilmente extensível a todos os apostolados paulistas, porque a nossa **espiritualidade é apostólica**, não intimista nem genérica. O “**não sou já eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim**” de São Paulo é em função do “**fiz-me tudo para todos**”: uma santidade “social”, não uma santidade “solitária” que não se empenha a medir a consistência do seu amor a Deus com o concreto do seu amor ao próximo.

29 Cf. anche *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., 16-17; *Alle Suore Pie descepole del divin Maestro*, 1963, cit., 164-168; *Don Alberione alle Apostoline*, 1958/2, Casa Generalizia Istituto Regina degli Apostoli per le vocazioni, Castel Gandolfo - Roma, 2009, p. 235; *Meditazioni per consacrate secolari*, cit., pp. 483-484.

30 *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, 1964, cit., 275; cf. 673.

31 *Il ministero dell'unità nella Famiglia Paolina*, Edizioni dell'Archivio Storico Generale della Famiglia Paolina, Roma 1987, caderno 17.

32 *Alle Figlie di S. Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., 273.

4. AS VOCAÇÕES

4.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

4.1.1. O beato Alberione considera a causa das vocações **o problema mais urgente** para a Congregação e desenvolve-o em diversas instruções:

* **I, *Apartados com o Mestre***: 21, 22; ***As vocações: cruz e paternidade***: 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92; ***vocações autênticas***: 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126; ***discernimento Sacerdote-discípulo***: 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156; ***exercícios espirituais e vocação***: 179, 180, 183; ***aspirantes à vida Paulista***: 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227; ***Promoção e guia das vocações***: 340, 341, 342;

* **III, *Apostolado das edições***: 127, 128, 132;

* **IV, *Bibliotecas populares***: 59; ***Espírito do discípulo do divino Mestre***: 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201.

4.2. Os valores paulistas

4.2.1. A Congregação, tendo como única razão de ser colaborar com o próprio carisma particular na obra de evangelização da Igreja, **necessita de vocações**: «Todos os dias se apresentam obras que se devem fazer, iniciativas a apoiar, casas a abrir. Mas para todas as obras são precisos operários evangélicos. ...O Mestre divino...andou à procura dos apóstolos futuros, formou-os, enviou-os» (I,21).

A Congregação **existe** para isto: para empenhar a todos pelas vocações (cf. I,84). «O problema vocacional, entre as obras de zelo, deve ter e merecer o primeiro lugar. Jesus não começou o ministério público pela pregação; mas começou a fazer discípulos. Procurou-os à volta do Lago, convidou-os; vieram Tiago, João, André, Pedro, Filipe, etc.» (I,85).

4.2.2. Para ser escolhida por possíveis candidatos, a vocação paulista tem que ter uma **identidade** bem definida e não genérica: a Sociedade São Paulo «atingiu agora uma fisionomia e características bem determinadas em várias nações» (I,87).

A identidade, progressivamente delineada na Sociedade São Paulo desde 1914 a 1960, não diz apenas respeito ao seu **carisma específico** (a espiritualidade interpretada por São Paulo posta ao serviço da evangelização com a imprensa e os outros *mass media* do tempo), mas também à dupla forma **da única vocação paulista: sacerdote e discípulo** (cf. I,148-156; IV,189-201).

Tratando-se de uma vocação nova, a Congregação prefere procurar **pessoas jovens**: «...prefere formar religiosos desde jovens para os habituar mais facilmente à sua vida característica, que exige toda uma mentalidade, hábitos e espírito próprios; desta forma a escolha do estado de vida será mais consciente» (I,88). Todavia, tendo em conta as circunstâncias históricas, a Congregação acolhe também pessoas de **maior de idade**, as «vocações tardias, sob certas condições» (*Id.*).

4.2.3. Porque Deus é “o dono da messe” e só ele sabe quantos “operários” são necessários para o “campo do reino”, é preciso que todos se empenhem com a **oração pelas vocações**.

Por esta razão o Fundador até compôs uma oração para o vocacionista (I,92), trabalha com a instituição “*Pontifícia obra primária das vocações religiosas*” (I,121-122); lembra a existência de duas Obras pontifícias pelas vocações (I,340); faz referência à existência da Pia União *Oração, sofrimento e caridade por todas as vocações* (IV,59-60); explica porque fundou o Instituto Regina Apostolorum - Irmãs Apostolinas (I,122-125) e lembra a oração pelas vocações que compôs para elas (I,340-341).

4.2.4. Valorizando a sua experiência fundacional, ele deu **sugestões** e indicou também **iniciativas e meios** para a proposta vocacional: sempre que pode, fala da vocação (I,225-227); que nelas haja o «chamamento de Deus» (I,115) e os sinais gerais (I,117); fornece alguns meios práticos, inclusive os do nosso apostolado (I,119-120, 340); para o duplo modo de viver a vocação paulista é preciso haver «amor ao apostolado» (I,118) e algumas características (I,222), etc.

4.3. A atualização

4.3.1. Em abril de 1960, o incremento do número de membros das instituições da Família Paulista permitia ao beato Alberione avançar na Sociedade São Paulo com uma “projeção” de **crescimento** de 870 Paulistas no quinquênio de 1958-1963, segundo o que se documentou no *S. Paolo* de dezembro de 1958 (cf. I,86-87). Mas, ao contrário, exatamente a partir daqueles anos, inicia na Igreja inteira não só um **calo** de pedidos de entrada na vida religiosa, mas também a **crise** de muitos que tinham já feito esta escolha.

Todavia, porque a fisionomia da Sociedade São Paulo era a de ser uma **Congregação religiosa clerical** composta de religiosos Sacerdotes e irmãos discípulos, a afirmação do Primeiro Mestre: «**O problema vocacional, entre todas as obras de zelo, deve ter o primeiro lugar**» (I,85), continua ainda hoje válida.

O IX Capítulo Geral enfrentou com fidelidade criativa este insubstituível valor paulista na **linha operativa 3.1.2**, estabelecendo: «Os Governos de circunscrição preparem o projeto de pastoral vocacional, inculturando a identidade e a missão paulista nas várias áreas geográficas. E dele verifique-se a atuação». No Intercapítulo de fevereiro de 2013 ter-se-á ocasião para verificar a atuação desta linha.

4.3.2. A **situação atual das vocações** da Congregação reconhece-se facilmente, em grandes linhas, olhando para as nações onde o **número é maior**: Índia-Nigéria, Filipinas-Macau, Congo, México, Brasil, Colômbia-Ecuador-Panamá, Venezuela-Bolívia, Argentina-Chile-Peru, Coreia. A **afluência é menor**, e por vezes nula, na Europa, Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália.

Esta verificação deve estimular uma fidelidade criativa no atuar a linha operativa citada, mas também exige «**inculturar** a identidade e a missão paulista nas várias áreas geográficas», aplicando quanto prevê a nossa **Ratio formationis** (cf. 177-187), utilizando as indicações e os subsídios preparados pelo Secretariado Internacional pela Pastoral Vocacional e a Formação (**SIF**) sobretudo por ocasião do *Ano vocacional* (de 4 de abril de 2005 – 4 de abril de 2006) e dando atenção a quanto se faz na respetiva Igreja local.

4.3.3. Considero oportuno reafirmar uma certeza do Primeiro Mestre que não pode considerar-se ligada ao seu tempo, mas é válida ainda hoje: a Congregação «atingiu uma fisionomia e características bem determinadas» (I,87). Por isso é necessário que todas as formas de proposta vocacional dirigidas a um indivíduo, os encontros de grupo e os períodos de experiência nas nossas comunidades ofereçam aos jovens uma **apresentação clara do “específico” da vida paulista**, não um apelo genérico à fé ou a descrição teórica da vida religiosa.

Se é verdade que às vezes, sobretudo em algumas nações, os jovens que pedem para entrar na Congregação têm **lacunas** acentuadas no conhecimento da sua fé cristã, não é correto esperar falar ao jovem da vocação paulista só quando o considerarmos mais consciente da fé em geral. Não podemos hipotizar o ingresso na Congregação como um tempo de catequese de recuperação, mas esta necessária integração, que deverá ser fornecida, deverá ter estreita referência ao nosso carisma. Desde o primeiro momento e sempre se deve **propor com clareza** que a vocação Paulista não é só para viver como batizados, mas como consagrados; que a nossa espiritualidade é Cristo integral, vivido e interpretado por São Paulo; que o nosso testemunho de fé para os outros se faz com as linguagens da comunicação atual. **Elementos irrenunciáveis e que se têm de apresentar sempre juntamente** são: a vida consagrada vivida como sacerdote ou discípulo, a espiritualidade de São Paulo e a evangelização com a comunicação.

4.3.4. Acerca do pessoal paulista, um dos ideais do Fundador foi a **relação numérica** entre sacerdotes e discípulos «a necessidade de ter pelo menos no total de religiosos dois terços como discípulos» (III,132). A percentagem – um terço de sacerdotes e dois terços de discípulos – foi ligada por ele à realização triforme do apostolado paulista: existe a redação (os conteúdos são reservados aos sacerdotes porque oficialmente encarregados da pregação na Igreja), e existe a produção técnica e a difusão, confiadas aos discípulos.

O **Capítulo Geral Especial de 1969-1971**, assimilando a teologia do Vaticano II sobre o sacerdócio ministerial, o sacerdócio dos fiéis e a responsabilidade dos leigos na evangelização, não mais

recorre à necessidade da percentagem idealizada pelo Fundador. Descrevendo a vocação do discípulo, afirma: «a ele se abre, sem exclusões ou preconceitos, toda a gama de atividades apostólicas incluindo as criativas, na execução técnica e na difusão, segundo os dons pessoais, a preparação e a experiência» (DC 34). Desta menção capitular tiram inspiração as vigentes **Constituições de 1984** (art. 5).

Por outro lado, as três fases do apostolado sobre as quais o Primeiro Mestre funda a sua percentagem são superadas pelas possibilidades oferecidas pela comunicação digital: resulta hoje ser mais um problema quando se quer realizar “uma autópsia” da mensagem, identificando em seu estado puro os conteúdos, a tecnologia de produção e a forma de difusão. **A comunicação da web foi inventada, produzida e difundida não em tempos sucessivos mas de modo sincrónico**, e é bem difícil distinguir se o sucesso da comunicação web é devido aos conteúdos, à elaboração tecnológica ou à forma de difusão.

Constatando que nalgumas Circunscrições, por motivo da cultura local, a **vocação do discípulo** não constitui um forte apelo, é necessário **repensar** a distribuição dos lugares na atividade apostólica paulista em base à teologia dos ministérios do Concílio Vaticano II e ao funcionamento da comunicação atual. Deve porém permanecer imutada a indicação do Primeiro Mestre: «Sacerdote e discípulo existem para fazer o mesmo apostolado das edições» (III,127), unindo os dons de cada um para realizar um projeto de evangelização pensado e realizado como comunidade paulista (**Projeto apostólico**).

5. A FORMAÇÃO PAULISTA

5.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre o tema

5.1.1. O argumento é tratado em semanas diversas:

* **I, Noviciado, tempo de formação paulista:** 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258; **Promoção e guia das vocações:** 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353;

* **II, Inteligência e prática da oração:** 7, 8, 9, 10, 11, 12; **Formação Paulista:** 190, 191, 192, 193, 194, 195;

* **IV, Fundamentos da vida religiosa:** 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38.

5.1.2. Falando de formação “**integral**”, o Fundador engloba formação humana, cristã, religiosa e paulista (espiritual e apostólica); por isso a reflexão sobre a formação deve ser completada com o que se dirá sobre a espiritualidade e a vida de oração, o estudo, o apostolado e a vida comunitária.

5.2. Os valores paulistas

5.2.1. A formação Paulista deve educar **toda a personalidade**: «A formação religiosa deve ser integral» (I,253); «Piedade, estudo, apostolado das edições, educação e pobreza são de importância capital para formar o religioso paulista» (II,190); «A formação unitária compreende a vida humana, religiosa, clerical, apostólica para apresentar-se um homem perfeito em Cristo. O perfeito Mestre formará homens perfeitos em Jesus Cristo» (II,191).

Ao tratar da totalidade existe ainda **uma prioridade** para não “construir” em vão: «A vida religiosa é aperfeiçoamento da vida cristã e esta é aperfeiçoamento da vida humana. ...A vida religiosa e a vida sacerdotal exigem primeiro uma boa vida cristã; e a vida cristã exige uma boa vida humana» (IV,28)

5.2.2. Toda a personalidade deve plasmar-se como **crístocêntrica**: «A formação será completa quando se reproduzir a imagem e se reproduzirem os elementos que constituem Jesus Cristo, assim poder-se-á dizer que “o paulista é um segundo Mestre”» (II,190); «Na formação crístocêntrica o paulista deverá ser nas devidas proporções também ele caminho, verdade e vida, segundo o espírito das Constituições; condições necessárias para a santificação e para o apostolado. Nesta fusão

equilibrada de todos os elementos pode-se falar e deve-se falar de *summa vitae*» (II,191).

5.2.3. O fim da formação em todos os elementos constitutivos da vida paulista é a habilitação para o **apostolado**: «Princípio geral: toda a formação deve constituir-se e ordenar-se de modo especial para os estudos para apoio do apostolado próprio da Família Paulista. Tal fim deve ter-se presente desde o início da entrada no nosso Instituto: seja nas aulas, como nos conselhos, nas meditações e pregações; desta forma não se comunique uma vida genérica, mas uma doutrina, uma piedade, e uma vida religiosa eminentemente paulista» (II,193).

5.2.4. A pedagogia indicada pelo Primeiro Mestre para a formação paulista não faz apelo a uma disciplina exterior, mas à maturidade de **convicções interiores**, que ele define “**ideias-virtudes**”: «Em geral o sistema preventivo, positivo, otimista deve preferir-se ao sistema repressivo, pessimista e negativo. É muito saudável imprimir ideias-virtudes para formar uma robusta vontade para se poder chegar a uma santidade equilibrada e total» (II,192).

Uma formação equilibrada e de convicções leva a uma **personalidade responsável**: «O educador deve, a pouco e pouco, tornar-se inútil: e quanto ao governo de si mesmo, o religioso tem por guia a consciência. Até que para bem se regular tiver necessidade do olho do Superior, não está ainda formado» (I,252).

5.3. A atualização

5.3.1. As **referências** importantes para seguir o processo de fidelidade criativa às indicações do Fundador sobre a formação integral paulista são: os *Documentos capitulares* de 1969-1971 (523-622), as *Constituições e diretório* (art. 89-156), a *Ratio Formationis* (37-176, 196-246), as Atas do Seminário internacional “*Formação Paulista para a missão*” (Ariccia, 12-23 de outubro de 1994)³³ e, a adaptar ao carisma paulista, as indicações contidas na exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (63-71).

5.3.2. O **resultado** da formação paulista deve sempre sublinhar o propósito, em que o Fundador insistiu: educar o homem, o cristão, o religioso e o paulista para se conseguir **um apóstolo que seja “caminho, verdade e vida” na evangelização com a comunicação de qualquer época**.

Dirigindo-se a todos os religiosos, a Exort. *Vida consagrada* afirma: «Se é verdade que o renovamento da vida consagrada depende principalmente da formação, é igualmente verdade que esta está, por sua vez, ligada à capacidade de propor um método rico de sabedoria espiritual e pedagógica que leve, progressivamente, aquele que aspira a consagrar-se, a assumir os sentimentos de Cristo Senhor. A formação é um processo vital através do qual a pessoa se converte ao Verbo de Deus desde a profundidade do seu ser e, ao mesmo tempo, aprende a arte de procurar os sinais de Deus nas realidades do mundo» (VC 68).

A formação “cristocêntrica” inclui num modo indissolúvel o equilíbrio da escuta de Deus na sua Palavra e na história. Por isso, para refletir em fidelidade criativa sobre a “**formação cristocêntrica**” paulista, que o Fundador também explicitou ao mandar imprimir e meditar um extrato da *Teologia da perfeição cristã* de P. Royo Marín³⁴ (são as páginas que apresentam a configuração a Cristo Caminho, Verdade e Vida), devemos fazer atenção à apresentação “**integral**” da formação indicada pela Exort. *Vida consagrada*: escuta de Deus em Sua Palavra e escuta de Deus na história. O apóstolo paulista faz-se “semelhante” a Cristo que, por sua vez, se fez “semelhante” aos homens para ser para eles Caminho, Verdade e Vida.

5.3.3. A preocupação do Primeiro Mestre de que **toda a formação tenha como finalidade o apostolado**, ao formar o paulista “apóstolo”, encontra confirmação nos documentos do Vaticano II

33 *Formazione Paulista per la missione*. Atti del Seminario internazionale sulla Formazione Paolina, Casa Generalizia da Sociedade S. Paulo, 1995.

34 Antonio Royo Marín, *Teologia da perfeição cristã*, Edizioni Paoline, Roma 1960. - O extrato citado está disponível em www.alberione.org/operaoomnia.

(cfr. *Optatam totius*, 14; *Perfectæ caritatis*, 8) e nas diretrizes vaticanas pós conciliares: «Não existe concretamente uma vida religiosa “em si” sobre a qual se enxertaria, como um acrescento subsidiário, o fim específico e o carisma especial de cada Instituto. Não existe, nos Institutos dedicados ao apostolado, procura da santidade ou da profissão dos conselhos evangélicos, ou de vida dedicada a Deus e ao seu serviço, que não esteja intrinsecamente ligada ao serviço da Igreja e do mundo» (*Potissimum institutioni. Diretrizes sobre a formação nos Institutos religiosos*, 17).

Atualizando as indicações claras do Primeiro Mestre, que encontram confirmação na Igreja, resulta que o envolvimento nas atividades apostólicas do aspirante à vida paulista **deva ser parte integrante** de toda a etapa de formação; e é uma obrigação dos educadores encarregados serem paulistas com uma experiência apostólica significativa e empenhados no apostolado.

Se um jovem que aspira à vida paulista, sobretudo se se encontra na etapa do juniorado, não sentir atração pelo apostolado, convém que seja **dirigido para qualquer outro lado**, porque: «Para os paulistas, o amor ao apostolado é um sinal positivo e também uma garantia de perseverança» (I,118).

Considerar o amor ao apostolado como “sinal” de vocação paulista não significa somente formar o jovem para o “trabalho a fim de ganhar o pão”, que é, igualmente, sempre um valor paulista fortemente inculcado pelo Fundador. Pensando mais profundamente, o empenhamento em quaisquer das muitas variantes formas de apostolado paulista significa a realização da vocação paulista que tem na comunicação a sua “forma” específica de se exprimir.

Na proposta vocacional e na formação, o paulista deve ser apresentado e formado como um crente que vive a sua fé em Cristo segundo o modelo de São Paulo para testemunhar aos outros a sua experiência, servindo-se das formas e das linguagens da comunicação. **O seu testemunho de Cristo é na comunicação e com a comunicação**, e portanto a comunicação não se esgota no tempo do seu “trabalho apostólico”, mas caracteriza a sua espiritualidade, as práticas de piedade, o estudo, a vida comunitária, o modo de viver os votos religiosos. A sua missão de apóstolo na comunicação é “a chave de leitura” de todos os aspetos da sua vida.

5.3.4. Temos também o dever de **atualizar o método pedagógico** do Fundador que convida os mestres “a pouco e pouco, a tornarem-se inúteis”, porque formaram já nos jovens “ideias-virtudes” profundas e não “reflexos condicionados” de uma disciplina exterior.

Na redação do *Itinerário formativo*, adaptado à realidade vocacional e formativa da circunscrição, tem que se acompanhar cada jovem nas várias etapas formativas com um “**projeto personalizado**”, respeitoso da idade, da preparação recebida antes de entrar na comunidade, do específico percurso formativo num âmbito válido para todos, dos dotes a valorizar com especializações apostólicas.

Uma vez que, com a participação de todos os responsáveis e do interessado, foi elaborado o “projeto formativo”, o papel do Mestre e da comunidade é o de favorecer a sua realização, acompanhando o jovem e respeitando o que foi estabelecido.

6. O ESTUDO PAULISTA

6.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

6.1.1. A importância do estudo foi sobretudo ilustrada durante a segunda semana, mas existem ainda outras comunicações e alusões:

* **I, Pastoralidade:** 415, 416, 417, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428;

* **II, Estudo:** 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177; **Formação Paulista:** 193; **Normas para os nossos estudos:** 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214; **Estudo e apostolado:** 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238; **Estudo dos discípulos:** 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253.

6.1.2. Para compreender melhor as afirmações do beato Alberione, tenha-se presente o **contexto dos estudos** como era realizado na Congregação nos anos 60, sobretudo em Itália. Os estudos dos aspirantes eram assegurados na comunidade por docentes paulistas; o curriculum dos estudos diferia

para os aspirantes a clérigos ou discípulos; além disso, para os estudos teológicos os clérigos da Congregação afluíam a Roma ao *Colégio Internacional Paulista* filiado à Faculdade de teologia da Pontifícia Universidade Lateranense (cf. II,195-196, 229).

As reflexões sobre o estudo baseiam-se muito no documento da *Ratio studiorum* (aprovada pela Santa Sé em 3 de março de 1959) e querido pelo Fundador como integração das Constituições (cf. II,176, 190, 195, 209, 212, 214). Em 26 de fevereiro de 1990 a *Ratio studiorum* foi substituída pela *Ratio formationis*.

6.2. Os valores paulistas

6.2.1. Os estudos são um aspeto do empenhamento global do religioso paulista: «**tender para a perfeição**» (II,169) e devem ser programados e realizados **em vista do apostolado**: «*Fim*: os estudos têm um fim específico, melhor, um duplo fim: aperfeiçoar os dons de natureza, a inteligência; e preparar-se para realizar a missão confiada por Deus. Dever-se-á ensinar com a língua, com os livros, o cinema, o teatro, a imagem, etc. Saber aquilo que se deve comunicar, conhecer o modo e os meios de o dar: a língua, a técnica, etc. ... O estudo tem, pois, duas vertentes: a parte intelectual e a parte técnica.

A técnica para os paulistas ocupa o lugar da língua do orador e do Mestre» (II,169). «O estudo para o paulista tem como fim imediato o apostolado, que é já um “*regale sacerdotium*”, e o apostolado com o ministério para quem deseja o sacerdócio» (II,172).

6.2.2. O estudo é para o apostolado e todo o apostolado é “**pregação**” porque a Congregação é “**docente**”, encarregada oficialmente pela Igreja de evangelizar com a imprensa e os outros meios de comunicação: «O nosso Instituto é docente. Tem como próprias as verdades e o ensinamento da Igreja; para os oferecer às almas com a palavra e com os meios técnicos para o sacerdote; principalmente com os meios técnicos o discípulo, unido ao sacerdote; em vista das almas: “*Veritatem facientes in caritate*”. O Instituto ensina tudo: em primeiro lugar aquilo que serve diretamente para o céu, ou seja, a fé, a moral e o culto; depois, tudo “o que é bom, o que é verdadeiro...” (cf. Fl 4,8)» (II,172).

A “pregação paulista” é “docente” com a **união das competências** do sacerdote e do discípulo; necessitam-se «ciência, língua, técnica; a primeira como que constitui o conjunto das verdades que se devem comunicar; a segunda como meio de difusão; e a terceira como conjunto dos instrumentos que produzem celeridade e eficácia de frutos» (II,193). «Os discípulos devido à sua união com o sacerdote no apostolado das edições entram numa missão inaudita em relação aos séculos passados e revestida de uma nova e característica nobreza» (I,427).

6.2.3. As diretrizes contidas na constituição apostólica de Pio XII, *Sedes Sapientiae*, que prescreve o renovamento da formação sacerdotal e religiosa em perspectiva “**pastoral**”, são prontamente aceites e aplicadas pelo Primeiro Mestre no referente à formação e aos estudos do paulista. Citando o já dito no *S. Paolo* de dezembro de 1958, o Fundador explica em detalhe o significado e os conteúdos do “**ano de pastoral**” para o sacerdote paulista (cf. I,416-417, 420-428). «A aplicação desta instrução diz sobretudo respeito à teologia pastoral fundamental, que hoje atingiu a dignidade de verdadeira ciência, ao passo que nos tempos passados era mais um conjunto de avisos práticos. O sacerdote necessita de duas ciências: conhecer o que deve dar aos fiéis e aos infiéis; e, mais, o modo de o dar. Do primeiro ocupam-se os estudos teológicos; ao segundo destina-se o ano de pastoral» (I,423).

Em concreto, «os nossos queridos sacerdotes novos praticamente são destinados ao ensino, à redação, à formação dos aspirantes, a dirigirem o apostolado técnico e de propaganda, ao cinema, à rádio, à televisão, segundo as possibilidades; e a todas as formas novas de apostolado que os tempos exijam; numa abertura cada vez mais larga de horizontes, considerando as várias nações e continentes» (I,422). Tudo porque o sacerdote – lembra o beato Alberione – «deve ser como diz São Paulo: “*perfectus homo Dei ad omne opus bonum instructus* (=homem de Deus completo e bem preparado para toda a boa obra)” (2Tm 3,17)» (I,423).

A dimensão “**pastoral**” é **constitutiva do carisma paulista**: «A Pia Sociedade de São Paulo deu

sempre importância especialíssima à pastoral; antecipando os tempos, preparou-se o livro *Appunti di Teologia Pastorale*, saído em duas edições. Saiu de novo completamente refeito. ...Sempre se publicou a revista *Vita Pastorale*» (I,424). «pois esse sempre foi o pensamento e o fim pastoral do nosso apostolado, resultante ainda do facto de que na Família Paulista existe um Instituto dedicado a Jesus Bom Pastor, como convém lembrar. Os seus membros são as humildes cooperadoras do zelo sacerdotal» (I,427).

6.3. A atualização

6.3.1. Os valores paulistas que se devem repensar e viver com fidelidade criativa são: **os estudos devem ter como finalidade a preparação para o apostolado paulista; o apostolado paulista é uma verdadeira pregação completa; até mesmo a novidade da pregação paulista deve ser pastoral:** «sempre ter presentes as necessidades das almas» (I,428).

Em relação a 1960, a situação hodierna é totalmente diferente: em muitas Circunscrições os estudos dos paulistas, em especial os estudos de teologia, realizam-se em faculdades, universidades e centros especializados externos. O **currículo** dos estudos de filosofia e teologia para os futuros sacerdotes, diocesanos e religiosos, após o Vaticano II (cf. *Presbyterorum ordinis*, 7 de dezembro de 1965 e *Optatam totius*, 28 de outubro de 1965) foi regulado pelas normas emanadas em vários textos da Congregação para a educação católica.

Entre estes merece uma atenção cuidadosa a instrução *La collaborazione inter-Istituti per la formazione* da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica (8 de dezembro de 1998), que bem se aplica à nossa preocupação de fidelidade criativa às indicações sobre os estudos recebidas pelo beato Alberione. O documento parte do assunto que muitas instituições religiosas não podem permitir-se uma **autonomia** para a formação cultural de seus candidatos e unem forças dando vida a um centro de estudos comum frequentado por estudantes de diversas Ordens e Congregações. Organiza-se assim, entre Institutos, a **colaboração** nas diversas fases da formação, nos Institutos de ciências religiosas e de formação filosófica e teológica, na formação dos formadores e das formadoras.

Refletindo na experiência da nossa Congregação, tem que se reconhecer que muitas vezes o nível dos estudos de filosofia e teologia nos centros frequentados pelos jovens paulistas é de qualidade, ainda que cada instituição académica tenha a sua visão específica dos conteúdos e do método de ensinamento.

O conteúdo do documento citado pode ser sintetizado nesta importante chamada de atenção: «Em cada forma de colaboração interinstitutos é necessário atuar a devida distinção entre a comunidade formadora e o centro interinstitutos. A comunidade formadora é a instância primária de referência que nenhum centro pode substituir. Ela constitui o âmbito no qual cresce e amadurece, no espírito dos respetivos Fundadores, a identidade pessoal e a resposta à vocação recebida» (n. 10b).

Os estudos de filosofia e teologia que os jovens paulistas frequentam em centros externos necessitam de **uma integração com o carisma paulista**, que deve ser programada e realizada na comunidade: os conteúdos de filosofia e da teologia são propostos a todos os estudantes, mas a assimilação e a reelaboração para os estudantes paulistas devem ser destinadas ao nosso apostolado.

6.3.2. Uma vez que os conteúdos filosóficos e teológicos devem ser **traduzidos e propostos** com as formas e as linguagens da comunicação para serem evangelização, os jovens paulistas, clérigos e discípulos, devem receber uma **formação em comunicação** que, na maior parte dos casos, não pode identificar-se com as horas de apostolado que, no máximo, podem constituir a aplicação prática de uma iniciação bem mais ampla.

Esta iniciação inclui um estudo dos vários aspetos do fenómeno da comunicação atual, sobretudo digital, o **ano de apostolado** que antes da profissão perpétua é exigido a todo o candidato à vida paulista e o estudo das línguas³⁵.

Seja lembrado, para memória futura, que o Fundador deu o exemplo exigindo uma espécie de “**exame de aptidão**” para os futuros sacerdotes paulistas: não era admitido às ordens sagradas quem

não tivesse escrito ou pelo menos traduzido um livro que se pudesse imprimir.

6.3.3. Logo depois do Capítulo Geral Especial de 1969-71, o estudo, a investigação e o ensino da comunicação foram **integrados** de modo mais evidente e motivado no carisma paulista (cf. DC 576). As nossas atuais Constituições delineiam os traços essenciais desta forma de apostolado (art. 74). A **prioridade 1.3.** do IX Capítulo Geral pediu o «Reforço da “escolha pedagógica”, por sermos formadores no campo da comunicação, ao serviço da Igreja».

Depois da atividade pioneira do *Studio paolino Internazionale della Comunicazione Sociale* (SPICS), atualmente a Congregação encontra-se empenhada, de modo significativo, na pedagogia da comunicação com o COMFIL, aprovado como faculdade em 21 de maio de 1993 (México); com a FAPCOM, inaugurada no Brasil em 2006, e com o *St Paul Seminary Foundation* (Filipinas-Macau).

Para desenvolver uma fidelidade criativa às diretrizes do Fundador sobre os estudos para a missão, tem que se meter em prática também a **prioridade 3.2.** do IX Capítulo Geral: «Elevar o nível cultural geral da Congregação e “criar pensamento”». Os Documentos do IX Capítulo Geral aprovaram **as linhas operativas 1.3.1, 1.3.2, 1.3.4, 3.2.3 e 4.1.2** que indicam a necessidade de **especializações** bem programadas de comum acordo conforme as exigências de cada Circunscrição e as necessidades de toda a Congregação.

Até as iniciativas de **formação contínua** deveriam inspirar-se de modo criativo nas indicações do Primeiro Mestre: «Cada um dever-se-ia empenhar na instrução religiosa, para melhor conhecer a Deus e melhorar o serviço de Deus. Cada um deve sempre melhorar, instruindo-se, no seu dever, nas relações sociais, no ministério e no apostolado» (II,168-169).

6.3.4. Os aprofundamentos em **teologia pastoral**, que se desenvolveram até aos nossos dias a partir do Vaticano II, são-nos de ajuda para uma fidelidade criativa em pensar e em viver o elemento imutável do **caráter pastoral** do nosso carisma.

Metendo de lado uma consideração puramente “**executiva**” da pastoral como “um conjunto de meios práticos” a criar para veicular os conteúdos da evangelização, a pastoral há já algum tempo que alcançou um fundamento **eclesiológico**, incluindo todo o processo de evangelização, e não só os meios práticos de que se servia.

A nova visão eclesiológica da pastoral, quando aplicada à evangelização própria do carisma paulista, aponta para uma **mudança do modelo comunicativo**. Recorrendo à imprensa e aos outros *mass media*, a reflexão da Igreja e, em certa medida também o pensamento do Primeiro Mestre, descrevia o recurso à comunicação para evangelizar como um simples “uso de meios novos”. Hoje em dia a investigação eclesial fala de “cultura de comunicação”.

Na comunicação dos *mass media*, nos anos de 1960, já se opinava que «o meio é a mensagem»; a comunicação digital atual torna impossível a separação tradicional entre “conteúdos” e “tecnologia”. A característica da pastoral do carisma paulista é a **prioridade para os destinatários**: «não se espere pelo povo na Igreja e na sacristia, mas ide encontrá-lo onde vive».

7. OS VOTOS RELIGIOSOS PAULISTAS

7.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

7.1.1. Foi na primeira semana que o B. Alberione ilustrou os votos religiosos:

* **I, Pobreza:** 446-463; **Castidade:** 486-499; **Obediência:** 516-527;

* **II, Fidelidade ao Papa, somente lembrado com o apoio das Constituições:** 189, 204.

7.1.2. Na apresentação dos votos religiosos, o Fundador serviu-se de um **esquema comum**: o fundamento bíblico (Jesus Mestre, Rainha dos Apóstolos, São Paulo); o exemplo dos santos, o magistério pontifício (sobretudo a encíclica *Sacra Virginitas* de 25 de março de 1954 e a constituição apostólica *Sedes Sapientiae*, de Pio XII; e indicações de Pio X), a distinção entre “voto” e “virtude” e as exigências para o carisma paulista.

7.2. Valores paulistas

7.2.1. A visão geral dos três votos tem em vista um **uso diverso e positivo** das principais “concupiscências” humanas: «O religioso, através dos três votos, transforma a paixão em virtude e em força de apostolado; é o segredo da felicidade eterna. ...A pobreza é a máxima riqueza. ...A castidade é o máximo amor. ...A obediência é a máxima liberdade» (I,517).

7.2.2. O voto de **pobreza** encontra-se estreitamente ligado ao **trabalho**: «Os santos foram todos trabalhadores» (I,456). Mas o trabalho do paulista, vivido como pobreza, tem o valor de **evangelização**: «O trabalho do paulista (sacerdote ou discípulo) tem uma característica: Jesus-Operário trabalhando produzia pobres coisas; São Paulo produzia tendas militares chamadas “cilícios”; mas o paulista exerce um direito apostólico, dando com o trabalho a verdade; realizando o dever da pregação, torna-se missionário e foi aprovado pela Igreja» (I,458).

7.2.3. O voto de **castidade** consiste em destinar todas as energias «para se ocupar mais livremente das coisas do céu» (I,489). O voto de castidade não é para nos **isolar**: «O coração dum consagrado a Deus não vive na solidão; pelo contrário, vive num amor imensamente superior, confortado pelas maiores comunicações com Deus» (I,491).

7.2.4. O voto de **obediência** torna-se fácil quando existir uma **formação da consciência**: «O Superior há de ser um sujeito que se torna pouco a pouco inútil, desde que o religioso já tenha a sua vida fundada sobre os princípios eternos; e nas várias contingências recorra à oração» (I,519).

A finalidade do voto de obediência é de se descobrir e viver a **vontade de Deus**: «A obediência é a união da nossa vontade à vontade de Deus» (I,521): «a vontade do Senhor manifesta-se na sua palavra, através dos Superiores, nos acontecimentos, nas coisas» (I,522). Com a profissão, o religioso dá-se à Congregação: «Já não me pertença mais, porque sou do Instituto» (I,527).

7.3. A atualização

7.3.1. A visão dos votos religiosos, apresentada pelo Primeiro Mestre, espelha as formulações do tempo, mas o **método** usado por ele para os ilustrar vale ainda hoje para atualizá-los com fidelidade criativa: citações bíblicas; teologia da vida religiosa que se pode retirar do Concílio Vaticano II, de alguns textos do Magistério universal, das reflexões emergentes nas Assembleias semestrais da União dos Superiores Gerais e dos organismos continentais dos religiosos, de publicações de livros e revistas, etc. O material à disposição é útil e abundante.

7.3.2. Uma vez que os votos religiosos vividos numa Congregação são necessariamente caracterizados pela missão específica, a visão geral atual dos votos deve ser pensada, aprofundada, adaptada e harmonizada com as características “**paulistas**” para imprimir a cada voto uma dimensão “social” e “comunitária”.

O Primeiro Mestre liga o voto de **pobreza** ao valor humano, cristão e apostólico do “**trabalho**”. Trata-se de uma indicação importante sobre a qual se deve refletir hoje em dia a partir de sua identificação original: o trabalho paulista não é só uma atividade humana honesta para o sustento material, mas é sobretudo **energia gasta em favor do Evangelho**.

Com o progresso das atividades apostólicas, a integração dos colaboradores leigos e as mudanças do método de organização do trabalho, o valor do trabalho paulista não está só na disponibilidade laboriosa do indivíduo, mas também na capacidade de organizar e viver o trabalho como “**grupo**”.

O cuidado por uma correta **organização administrativa** centralizada, das comunidades e das atividades apostólicas e a aplicação de um claro **organograma** e **manual de funções** devem considerar-se formas concretas de viver o voto de pobreza.

7.3.3. O voto de **castidade** vivido em referência ao apostolado paulista, além da motivação religiosa e da maturidade humana necessárias, deve-se valorizar como doação total à **criatividade**, à preocupação de realizar obras apostólicas que de facto promovem **vida** junto de quantos a receberem.

Ainda que o nosso apostolado não tenha as consolações humanas imediatas da pastoral “direta”, de estreito contacto pessoal com o povo, somente um conhecimento exato das necessidades do nosso público pode favorecer a eficácia da nossa fadiga.

7.3.4. O voto de **obediência** interpretado pela nossa missão evangelizadora pode ser aprofundado

partindo do facto de que «**a missão é confiada à comunidade**» (*Constituições*, art. 15), e não a indivíduos que podem realizá-la segundo escolhas individuais.

Se é verdade que «ninguém tem o direito de apropriar-se de uma atividade apostólica, como se dela fosse o patrão», é também verdade, e é um dever que «cada um dê a sua colaboração» na realização de um apostolado que é, ao mesmo tempo, apoio da vida da comunidade e evangelização.

A elaboração de um *Projeto apostólico* capaz de coordenar na programação o “trabalho de todos” é uma ajuda também para se viver o voto de obediência.

8. A VIDA COMUNITÁRIA PAULISTA

8.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

8.1.1. O argumento da vida comunitária foi ilustrado em perspectivas complementares em semanas diversas:

* **I, A vida comum:** 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292;

* **III, A caridade Paulista:** 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37; **Fundo paulista:** 54;

* **IV, Caridade e espírito de Família:** 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221.

8.1.2. A vida no seminário diocesano e a sucessiva fundação das instituições da Família Paulista permitiram ao beato Alberione uma **experiência** que a partir da vida prática o levou a uma sabedoria inspiradora das indicações sobre a vida comum.

8.2. Os valores paulistas

8.2.1. A **qualidade da vida comunitária** incide sobre todos os outros aspetos do carisma paulista: «Uma finalidade fundamental deste curso de Exercícios é a união, a unidade: conhecê-la, senti-la, vivê-la. Não existe uma verdadeira vida comum, só por se viver juntos: no hotel, no colégio, no pensionato, no lar, na cadeia, no quartel, etc. Por aí não haver unidade de fim, de pensamento, de corações: há quem se encontre nesses lugares por razões ou por necessidade especial, temporária, de passagem, por interesse próprio; não existe nenhum dever de obediência como o que os votos impõem. Ao contrário, a vida comum, em sentido religioso, depende da natureza da sociedade, que se pode chamar congregação, instituto, Família religiosa: trata-se sempre de associação de pessoas que querem ajudar-se a conseguir a santidade»; a vida comunitária «é um organismo, não um mecanismo» (I,284).

8.2.2. A vida comunitária define-se a partir dum ponto de **vista sobrenatural**: «“Embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo”, diz São Paulo (Rm 12,5), somos membros de outros membros; e todos membros do *Mystici Corporis Christi*» (I,282). Esta dimensão de fé necessita, porém, de se fundamentar numa realidade humana que a favoreça: a Congregação é como uma **Família**: «A Família religiosa tem semelhanças e fundamentos parecidos com uma Família natural, que é uma sociedade natural. Mas é imensamente superior» (IV,212). «Uma comunidade religiosa onde reine o espírito de Família é um paraíso na terra; mas aquela que não tem este espírito arrisca-se a ser um inferno» (IV,215).

8.2.3. A vida comunitária paulista, vivida como “corpo místico” e como “Família”, não está fechada em si mesma, mas é **apostólica**: «“A vida comum” não tem sempre o mesmo significado profundo. Por exemplo, na abadia beneditina tem um alcance muito vasto e importante e influencia a vida cristã dos membros, a caminho da santidade pessoal e na irradiação apostólica. Ao contrário, para muitos clérigos regulares, e também para nós, a “vida em comum” nasceu do apostolado e em vista do apostolado: ...“nós estamos ao serviço das almas”: religiosos-apóstolos; dar o que se recebeu, a exemplo do Mestre Divino» (I,285).

«O apostolado paulista exige um forte grupo de redatores, técnicos, propagandistas. Todos devem andar de acordo, tal e qual os artistas que apresentam uma bela ópera. Veem-se muitas vontades e energias desligadas, desorganizadas, esgotam-se em desejos, em tentativas, em desilusões! São

todos em conjunto que devem preparar o pão do espírito e da verdade» (I,288).

8.2.4. A comunidade paulista vive em **vários níveis**: desde a comunidade “local” às comunidades da mesma língua, até a toda a Congregação. Em qualquer nível, a **regra da convivência** foi fixada por São Paulo (cf. 1Cor 13) na descrição das características da caridade cristã (III,31, 33).

«Uma manifestação de caridade é a interligação para as edições das várias nações de uma mesma língua. Exemplo: nações de língua espanhola, nações de língua inglesa, nações de língua francesa, nações de língua portuguesa. Isto, claro, na medida do possível, mas o princípio deve ser seguido; daí tirarão vantagens o apostolado e os membros» (III,34).

A necessidade da **ajuda entre Circunscrições** foi exemplificada, no contexto, com o pedido à Província Italiana de «assumir (precedere) o que se refere ao sustento e ao desenvolvimento necessários, e para dar pessoal a outras Províncias. A Casa generalícia, por seu lado, tem despesas muito especiais, e despesas que não são conhecidas» (III,35).

Também o “**fundo paulista**”, querido pelo primeiro capítulo geral de 1957, deve ser interpretado no contexto da solidariedade entre Circunscrições coordenado pela Casa generalícia (III,54).

8.2.5. Em mais partes, nas instruções dedicadas à vida comunitária, o Fundador sublinha perigos e insucessos, defeitos e virtudes, características positivas e negativas da vida comum paulista.

«Existem em primeiro lugar perigos gerais e comuns: perigo de conservadorismo com hipertrofia particular; incapacidade de colaboração com os outros; estreiteza na maneira de combater por um ideal; incompreensão do ideal e do apostolado dos outros, etc.» (I,286). Até os insucessos têm manifestações próprias: «Surge então uma vida deprimida e descontentamentos, fomentados por memórias históricas, ou por pessimismo, ou críticas inconcludentes, entre religiosos e religiosos; e, por vezes, até de casa para casa» (I,287).

A descrição da vida comunitária apresenta-se minuciosa, porque fruto da experiência: é necessário que haja sociabilidade, mas não gregarismo (I,288); caridade e não egoísmo (I,289); docilidade, não infantilismo (I,290); obediência, não desvios (I,291).

A **unidade** é um bem indispensável ao carisma paulista: «As divisões internas num Instituto levam às mais graves conseqüências: divisões de pensamento, de direção, de caráter, de doutrina, de obras, etc. A união é um bem de tal ordem que por ela devem-se sacrificar bens e pontos de vista particulares. Péssima é a divisão entre Superiores maiores, Conselho generalício, Superiores provinciais. De grande edificação é, sim, um entendimento cordial» (I,291).

8.2.6. Porque a vida comunitária é por sua natureza “**social**” (cf. IV,215), encontra o seu polo de agregação no “**espírito específico**”: «Cada Congregação tem um espírito e um “dom próprio”; espírito que é a alma e princípio de fecundidade; e também a sua razão de ser, aprovada pela Santa Sé. Se os membros da Congregação estudarem este espírito e se se entusiasmarem por este dom de Deus, então sentirão o espírito de Família num grau mais intenso. Além disso, os religiosos, neste espírito de Família, serão os próprios a interessarem-se e a defender o próprio espírito. Serão, então, somente os verdadeiros religiosos a viver da própria alma do Instituto e a assegurar-lhe uma fervorosa vitalidade» (IV,215).

A unidade do espírito comum é coordenada pelo **serviço da autoridade**: «Em cada Circunscrição religiosa e em cada comunidade existe uma Família de Deus. Os Superiores devem ser pais e mães e não chefes da empresa; os inferiores não são empregados, mas filhos. Este princípio determina as relações recíprocas» (IV,216).

8.3. A atualização

8.3.1. Em vista da fidelidade criativa e da atualização da vida comunitária paulista, a apresentação feita pelo Primeiro Mestre exige uma leitura atenta, pessoal e comunitária das páginas acima indicadas e um conseqüente exame de consciência. Creio que nem o passar do tempo nem a situação atual das nossas comunidades tenham tornado obsoleto ou datado o pensamento do Fundador sobre a vida comunitária paulista nas **dimensões** consideradas: corpo místico, Família a vários níveis, conjunto de apóstolos da comunicação, grupo humano que necessita de virtudes

pessoais e sociais para existir e ter ambiente propício para apreciar a alegria da pertença.

8.3.2. O IX Capítulo Geral para “revitalizar o dom recebido” indicou a **prioridade 2.1**: «Remotivar as nossas comunidades para serem um espaço de comunicação com Deus, conosco mesmos e com os outros, para se crescer na fraternidade e sermos capazes de acolher e de entusiasmar os jovens com o testemunho do carisma paulista».

A **linha operativa 2.1.1** estabelece: «O Superior maior solicite todas as comunidades a elaborarem o seu projeto comunitário e, depois de o terem aprovado, verifiquem a sua aplicação de seis em seis meses».

O **projeto comunitário**, tendo em conta a fisionomia precisa de cada comunidade, deve ser elaborado em referência ao **Projeto apostólico** e ao **Itinerário formativo** circunscricional, baseado na pergunta: «como pode a nossa comunidade colaborar neste lugar preciso no projeto da Província ou da Região?». A unidade criada pelo **Projeto comunitário** atua na prática a **prioridade 2.2** do IX Capítulo Geral: «Revitalizar a fraternidade para sermos testemunhas credíveis da nossa vocação e missão» e a **linha operativa 2.2.1** que manda «valorizar todas as pessoas da Congregação, envolvendo até os confrades anciãos ou doentes».

9. A ESPIRITUALIDADE E AS PRÁTICAS DE PIEDADE PAULISTAS

9.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

9.1.1. O argumento foi ilustrado em vários pontos de vista em diversos momentos, sobretudo na segunda semana:

* **I, Os Exercícios espirituais e a vocação**: 187;

* **II, Inteligência e prática da oração**: 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17; **Celebração eucarística**: 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36; **Meditação**: 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63; **Exame de consciência**: 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81; **Visita eucarística**: 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111; **Outras formas de oração**: 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128; **O divino Mestre Caminho, Verdade e vida**: 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161;

* **IV, Maria, discípula e Mestra**: 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244; **Maria, Rainha dos Apóstolos**: 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278.

9.1.2. **São Paulo** é nomeado em * **I**, 11, 20, 43, 148, 149, 313; * **II**, 148, 149; * **III**, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62; * **IV**, 118, 123. Constitui o modelo de referência para a espiritualidade paulista. Já no *Abundantes divitiæ gratiæ suæ*, o Fundador sintetizava a espiritualidade paulista: «pensar e alimentar-se de cada frase do Evangelho, segundo o espírito de São Paulo» (AD 95).

9.2. Os valores paulistas

9.2.1. A espiritualidade não se identifica com as práticas de piedade, mas os atos de piedade quotidianos, semanais, mensais e anuais são o alimento da espiritualidade; por isso, a “**prática da oração**” é indispensável: «não merece o nome de religioso, e não o é de facto, quem não puser em primíssimo lugar a oração. ...Deixar a oração para fazer mais obras é um desastrado rodopio sobre si próprio. O trabalho feito à custa da oração não aproveita nem a nós, nem aos outros; porque corta aquilo que se deve a Deus» (II,9).

9.2.2. A **espiritualidade paulista** está centrada sobre Jesus Cristo, Divino Mestre, Caminho, Verdade e Vida, mas como o pensou, viveu, escreveu e pregou **São Paulo**: «São Paulo é o principal intérprete do divino Mestre, que diretamente o instruiu, como diretamente foi convertido por Ele» (II,148).

Simplificando ao máximo, as **convicções teológicas** que justificam a espiritualidade paulista, segundo o beato Alberione, podem-se apresentar deste modo. Fazendo referência a Bossuet³⁶, o

36 Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), bispo católico, teólogo e apologeta, escritor e pregador francês. Foi um dos maiores

Fundador inicia a sua reflexão definindo o **homem** «como uma trindade encarnada, imagem da SS.^a Trindade criadora; Deus é potência, sabedoria e amor infinito, e uma natureza divina nas três Pessoas infinitas, distintas e necessárias, Pai, Filho e Espírito Santo» (II,173, cf. 192; I,368-369).

Porque o homem é “imagem de Deus”, «temos o homem *uno* como pessoa e imagem de Deus Uno; mas as três divinas Pessoas têm, cada uma, algo exclusivo de seu, e cada uma está representada no homem pelas suas três faculdades: o Pai pela vontade, o Filho pela inteligência, o Espírito Santo pelo sentimento: o homem, minúscula trindade, imagem de Deus Trino. Pela queda de Adão e Eva todo o homem foi “mudado no pior”: a mente ficou inclinada ao erro, a vontade inclinada ao vício, o sentimento inclinado à superstição, falsos cultos e morte eterna. Veio Jesus Cristo, enviado pelo Pai a restaurar o homem, fazendo dele uma segunda edição, melhorada ao máximo! Desta forma, o homem, passando através de Jesus Cristo Mediador, apresentar-se-á a Deus purificado e santo na sua mente, vontade e sentimento. Nisto está todo o Cristianismo: a fé em Jesus Cristo; a moral em Jesus Cristo; o culto em Jesus Cristo. Aqui está toda a nossa santíssima religião: dogma, moral e culto... A devoção a Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida leva ao perfeito culto a Deus. Quanto mais o paulista a viver, tanto mais se assemelhará ao divino Exemplar Jesus Cristo» (II,149-150).

O **modelo** que o Primeiro Mestre assumiu desde os inícios para “compreender e viver a espiritualidade” é **São Paulo**, que «nos apresenta o Cristo total, como Se tinha definido: Caminho, Verdade e Vida. ...Nesta visão consiste a religião, o dogma, a moral e o culto; nesta visão está Jesus Cristo integral; para esta devoção o homem é todo considerado e conquistado em Jesus Cristo» (AD, 159-160).

Partindo da experiência de São Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20), ele definiu a espiritualidade paulista como modo de pensar, viver e testemunhar a fé em Cristo: uma progressiva “**crístificação**” para a santidade pessoal e o apostolado.

Sem São Paulo não existe nenhuma espiritualidade tal como o beato Alberione quis para toda a Família Paulista; a espiritualidade paulista, sem São Paulo, não só perde o adjetivo que a liga ao nosso apostolado, mas torna também incompreensível a referência ao Cristo “integral” proposto com insistência pelo Fundador, o qual afastou toda a espiritualidade presente num Cristo “seccional” e “parcial”.

Porque São Paulo explica o batismo cristão com a imagem da enxertia de uma oliveira selvagem numa outra oliveira que dá fruto (cf. Rm 11,24), a espiritualidade Paulista foi descrita pelo beato Alberione como uma progressiva “**enxertia em Cristo**” da totalidade da pessoa: «Estabelecer-se totalmente em Jesus Mestre Caminho (vontade), Verdade (mente) e Vida (sentimento); mais, chegar à suprema altitude da nossa personalidade: eu penso em Jesus Cristo, eu amo em Jesus Cristo, eu quero em Jesus Cristo; ou Cristo pensa em mim, ama em mim, quer em mim» (I,187). «Se esta enxertia for conseguida plenamente pelo cristão, então poderá dizer: “Cristo vive em mim”. É o maior ensinamento de São Paulo» (II,149)

9.2.3. Sendo a espiritualidade paulista «uma **preciosa missão** confiada à Família Paulista» e «de suma vantagem para a Igreja e a humanidade inteira» (II,243), merece que se cite ainda outras expressões do Primeiro Mestre: «A devoção ao Mestre divino assume em si e completa todas as devoções. Com efeito, ela apresenta Jesus Verdade em quem acreditar, Jesus Caminho a seguir, Jesus vida de quem participar. O Mestre divino deve ser considerado completo» (*Vademecum*, 579).

«A devoção ao Mestre divino não é uma devoção acessória: investe toda a nossa vida espiritual, todos os nossos estudos, todo o nosso apostolado, toda a atividade externa: tudo» (*Id.* 587). A devoção a Jesus Mestre: «não é uma bela expressão, não é um conselho: é a substância da Congregação; é ser ou não ser paulistas. Isto não pode ser discutido!» (*Id.* 588). «A nossa devoção ao Mestre divino deve ser aplicada ao trabalho espiritual, ao estudo, ao apostolado e a toda a vida religiosa. ...A devoção a Jesus Mestre não se deve limitar à piedade, mas estender-se a toda a vida apostólica porque o fruto do nosso apostolado é proporcionado a isto: apresentar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e vida» (*Id.* 590).

Sem nunca esquecer que é **São Paulo** o modelo de referência para aplicar a todos os pontos da vida Paulista, à espiritualidade de Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, devemos compreender bem

que a nossa espiritualidade unida à evangelização com a comunicação forma a novidade do carisma paulista na vida eclesial: **um estilo de vida apostólica em tudo modelada em São Paulo**. O desejo do Fundador é que sejamos “**São Paulo vivo hoje**” na comunidade eclesial.

9.2.4. Sublinhando a importância que durante este curso extraordinário de exercícios o beato Alberione atribuiu ao **livro das orações** e em especial às suas *Introduções* a cada uma das práticas de piedade (cf. I,47, 311), pode-se afirmar que a apresentação das práticas de piedade (celebração eucarística, meditação, exame de consciência, visita eucarística) e dos outros exercícios de oração (devoções da primeira semana, retiro mensal, exercícios espirituais anuais, etc.) pretende envolver «o empenhamento de todas as potências da alma num desenvolvimento totalitário da pessoa. Na Missa e na Visita ao SS.º, que estão no centro de toda a nossa vida espiritual, o método “caminho-verdade-vida”, que bem corresponde ao empenhamento da *mente*, da *vontade* e do *coração*, será cada vez mais esclarecido e aprofundado por todos» (II,11).

Os modos e graus de participação na **celebração eucarística** foram ilustrados pelo Fundador em II,32-34; o método da **meditação** foi apresentado em II,60-63; o método do **exame de consciência** foi especificado em II,74-80; o método “caminho-verdade-vida” da **visita eucarística** foi explicado em II,106-108; as orações quotidianas, as devoções semanais, as práticas semanais, mensais e anuais, descritas sempre como vividas com a mente, a vontade e o coração. A **sinopse alberioniana** forma certas equivalências na espiritualidade e em toda a vida paulista: Cristo verdade – o dogma – a mente; Cristo vida – culto – coração; Cristo caminho – moral – vontade, dirigidas para atingir o **objetivo** «a vida transforma-se em oração, a oração dá a vida» (II,111).

A totalidade da vida paulista – piedade, estudo, apostolado, pobreza – foi sintetizada pelo Primeiro Mestre com a imagem de um **carro**: «São as quatro rodas do carro que se movem sempre ao mesmo tempo, sem saltos, sem grandes riscos devidos ao peso que levam. ...Se nos esquecermos duma roda, não se pode começar a viagem, ou então o carro pode cair num precipício» (II,117-118).

9.2.5. As **caraterísticas principais** da espiritualidade paulista, que por vontade do Fundador qualificam o nosso carisma, são: cristocêntrica, como foi compreendida, vivida e pregada por São Paulo; eucarística (cf. II,10), apostólica (cf. II,12) e mariana (cf. IV,234-244; 267-278).

A devoção filial mariana que o Primeiro Mestre viveu e quis unir estreitamente ao carisma paulista exprime-se no título de **Rainha dos Apóstolos**: «Maria foi criada para o apostolado de dar Jesus Cristo ao mundo: Ele o Caminho, a Verdade e a Vida» (IV,267); «esta é a hora da *Regina Apostolorum*. Hoje multiplicam-se os apostolados; e temos o despertar consolador do apostolado dos leigos» (IV, 268).

9.3. A atualização

9.3.1. O primeiro dever de fidelidade criativa é colocar a síntese da espiritualidade paulista elaborada pelo beato Alberione no contexto da sua **procura** de uma espiritualidade ajustada à Sociedade São Paulo e a toda a Família Paulista. O seu testemunho no *Abundantes divitiæ gratiæ suæ* sobre o estudo das várias espiritualidades, que depois põe de lado para se concentrar em São Paulo, permanece para nós um ensinamento válido (cf. AD 159-160).

Através do ensinamento e do exemplo de São Paulo, o Primeiro Mestre, diferentemente de muitas escolas espirituais e devocionais do tempo, realiza de facto uma investigação sobre o **essencial na experiência espiritual** concentrando a atenção na Bíblia, no Evangelho e cartas de São Paulo, na pessoa de Cristo, na eucaristia, na liturgia, no catecismo, na mariologia, no estudo da patrística, na necessidade de uma nova evangelização, fruto de uma pastoral atenta aos contemporâneos e capaz de usar os meios necessários para atingi-los, tendo a imprensa sido o meio principal.

Devemos perceber de modo documentado como nos inícios do séc. XX se vivia a experiência religiosa no ensino do dogma, no modo de viver a liturgia e na exigência de uma vida ética para compreender porque o Fundador se bateu por um **Cristo “integral e não fragmentado”**, em vista de uma evangelização que fosse proposta à **totalidade da pessoa**, no uso dos **meios** decididos por uma pastoral que “vai à procura da ovelha tresmalhada”.

Com razão o beato Alberione insiste que a espiritualidade paulista não é apenas as práticas de piedade e a vida de oração, porque através dela ele cria de facto “**um estilo**” que engloba todas as componentes da vida paulista: espiritualidade, estudo, apostolado, vida comum e votos religiosos.

Ouvir dizer que a fé cristã compreende dogma, moral e culto, que a experiência de fé deve ser proposta e vivida com a totalidade da pessoa e que a evangelização pode servir-se de todas as formas de comunicação, não soa ao nosso ouvido como uma grande novidade. Desde o Vaticano II que estas são afirmações quase descontadas pelo menos na maior parte dos crentes, ainda que formuladas em termos diferentes.

Ao mérito de estar entre aqueles que contribuíram para o que o Concílio Vaticano II declarará válido para toda a comunidade católica, o beato Alberione acrescenta o da **originalidade** de pensar, viver e propor tudo isso “no espírito de São Paulo”. **A referência a São Paulo é tão inovadora como a forte afirmação da “pregação escrita ser igual à pregação oral”.**

Pela nossa fidelidade criativa devemos assumir com empenhamento a indicação forte e constante do Fundador que «...todos devem considerar só como pai, Mestre, exemplar e fundador São Paulo Apóstolo. Por ele é que a Família Paulista nasceu, por ele foi alimentada e cresceu e dele ficou com o espírito» (AD 2). Acolhendo os participantes no curso extraordinário de exercícios diz: «Acolhe-vos o nosso pai, Mestre e protetor, São Paulo. Oh, como ele nos amou, guardou e apoiou! E vós levastes a sua doutrina, devoção e o nome, glorificando-o em muitas Nações. Foi pai e mãe para todos os seus filhos e fundou a Família Paulista que é sua. Verdadeiramente, ainda que tivésseis dez mil mestres, só um é que pode ser o pai: “eu vos gerei através do Evangelho” (1Cor 4,15)» (I,11).

Para reavivar o carisma paulista, todos os paulistas devem “reavivar” o seu conhecimento, amor, oração e imitação de São Paulo. Os conteúdos do **Seminário sobre São Paulo**³⁷ podem ser uma ajuda.

9.3.2. No pensamento teológico alberioniano, São Paulo personaliza o apóstolo que melhor compreendeu, viveu e pregou Cristo, Mestre Divino, Caminho, Verdade e Vida. Todos conhecem que entre os títulos cristológicos com os quais designa Cristo, o Apóstolo nunca usa “Mestre”, que é corrente sobretudo nos evangelhos sinóticos, nem encontramos nas cartas paulistas o trinómio “caminho-verdade-vida”, exclusivo do Evangelho de São João como autodefinição de Cristo.

A interpretação exegética e teológica do Fundador relativa a São Paulo é devedora aos conhecimentos do seu tempo, pelo que a exatidão da fidelidade ao Apóstolo deve ser procurada na sua valorização da elaboração do carisma paulista.

O texto paulista que permitiu ao Primeiro Mestre interpretar o Apóstolo, não como exegeta especializado ou teólogo, mas como depositário do carisma paulista, vivido pelas 10 Instituições da Família Paulista, foi Gl 2,20: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim». Este é o **ponto firme**, a base de todo o pensamento e da obra fundacional do beato Tiago Alberione.

Desta profunda experiência pessoal, expressa também no «para mim viver é Cristo» (Fl 1,21), deriva a missão de evangelizar: «Ai de mim se não anunciar o Evangelho!» e «fiz-me tudo a todos» (1Cor 9,22). Sobre o modelo do Apóstolo, o Fundador elaborou uma espiritualidade que comporta a “cristificação” da totalidade da pessoa, plasmando-lhe de modo progressivo a formação integral, tendo desta forma pessoas, comunidades – uma Família inteira – motivadas para uma nova evangelização mediante apostolados convergentes.

9.3.3. A descrição da personalidade humana (mente, coração, vontade), a teologia da Trindade, a apresentação da teologia litúrgica e sacramental, a explicação do método caminho-verdade-vida aplicado às práticas de piedade, a eclesiologia e a mariologia usadas pelo Primeiro Mestre para formular uma espiritualidade que é “**um estilo de vida completa**”, encontram na abundante e variada produção conciliar e pós conciliar conteúdos e instrumentos para reflexões e aprofundamentos indispensáveis e fecundos.

10. O APOSTOLADO PAULISTA

37 Cf. nota 22.

10.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

10.1.1. A apresentação do apostolado paulista passa-se durante as várias semanas e com argumentos diferentes:

* **I, *Uso e abuso dos meios de comunicação***: 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322;

* **III, *Edições, Bíblia em primeiro lugar***: 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17; ***Zelo e dedicação***: 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62; ***Apostolado das edições***: 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134; ***Meios técnicos de apostolado***: 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209;

* **IV, *Bibliotecas populares***: 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70; ***Propaganda-difusão***: 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97; ***Atenção às necessidades do mundo***: 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124; ***Propaganda racional***: 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151; ***Livrarias***: 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173; ***Identidade do apóstolo***: 278.

10.1.2. O Primeiro Mestre faz explícita referência ao seu volume **Apostolado das edições**, na edição de 1944 (cf. I,318), propõe, de forma atualizada, ideias e conteúdos já expressos na primeira edição intitulada **Apostolado da imprensa** (1933).

10.2. Os valores paulistas

10.2.1. O apostolado paulista é verdadeira pregação, verdadeira evangelização: **a pregação escrita é como a pregação oral**: «Com o nome de apostolado, como o nosso, compreende-se uma verdadeira missão que pode definir-se pregação com os meios técnicos da divina palavra por meio da edição. ...é o anúncio da boa nova, da verdade; por conseguinte, uma verdadeira evangelização. Evangelização que deve ser feita em todos os tempos e em todos os sítios, em conformidade com o preceito divino. ...como a pregação oral, também a escrita ou a impressa que divulga o Evangelho, o multiplica, e o faz chegar a todo lado. Foi do mesmo modo que o próprio Deus nos deu a palavra divina pregada oralmente e que também nos deu os 72 livros da Escritura. A Igreja procedeu da mesma forma em todos os tempos: Papas, bispos, sacerdotes falam e escrevem» (III,123-124).

10.2.2. Como a pregação oral, também a pregação escrita foi confiada oficialmente pela Igreja ao sacerdote paulista que é um “**sacerdote escritor**”; todavia, a pregação escrita para chegar ao público precisa de outras duas ações indispensáveis: da produção técnica e da divulgação. Na Sociedade São Paulo o ministério sacerdotal paulista completa-se com a obra do **discípulo**. **O apóstolo paulista é a união das ações do sacerdote e do discípulo**. «A missão oficial da evangelização do divino Mestre foi confiada ao sacerdote. ...À missão oficial una-se a missão subordinada, complementar, universal e regulada pela Igreja: a dos leigos, como Jesus elegeu os 72 discípulos» (III,125-126).

Depois de haver apresentado como nos Institutos se realiza de modo diferente a colaboração entre “sacerdotes” e “leigos”, o Fundador precisa: «O Instituto paulista é bem diferente; e tem uma clara superioridade: sacerdote e discípulo colaboram para o mesmo apostolado das edições. Este tem três partes, como se sabe: redação, técnica e difusão; mas as três partes formam um só e único apostolado. Nele, a primeira parte, a redação, é própria do sacerdote; a segunda e a terceira, isto é, a técnica e a difusão, são próprias do discípulo. Sacerdote e discípulo juntos, unidos nas edições, merecem portanto o nome de Apóstolos. Ao contrário, o escritor não faz apostolado paulista sozinho, é um simples escritor; o discípulo sem o sacerdote escritor é simples operário, ainda que produza com a técnica o que é realmente bom. ...discípulo que constitui e exerce com o sacerdote uma mesma missão: elevado assim ao “sacerdócio real” (1Pd 2,9); na ordem cristã é o máximo que pode atingir; maior não há» (III,127-128).

Esta triforme disposição da pregação paulista com a imprensa e os *mass media* tradicionais (cf.

III,128) motiva a ideia do Fundador sobre a composição do pessoal paulista: **1/3 de sacerdotes e 2/3 de discípulos** (cf. III,132).

10.2.3. A unidade complementar do sacerdote e do discípulo, que formam o único Apóstolo paulista, exige agir em conjunto para realizar um **projeto comum** em favor dos **destinatários**: «O Instituto é Pessoa moral; no Instituto particularmente na parte apostólica ocorre sentir o corpo social, a unidade. O Instituto pode-se assemelhar a uma imensa Paróquia; da qual o Superior é o chefe espiritual. Esse Instituto deve conhecer as condições morais e espirituais de todas as almas: fiéis, infiéis, cristãos fervorosos, cristãos indiferentes, heréticos, honestos, desonestos, pagãos, adversários, almas eleitas, almas obstinadas; crianças, jovens, adultos, anciãos; profissionais, artistas, agricultores, operários, etc. A todos e a cada um deve-se providenciar o pão do espírito, partindo-o largamente e adaptando-o às necessidades de cada um» (III,133-134).

O apóstolo paulista deve «ter um coração mais largo do que os mares e que os oceanos. ... Amar a todos, pensar em todos, operar com o espírito do Evangelho que é universalidade e misericórdia: *Venite ad me omnes* (Mt 11,28). Iguais ao espírito de São Paulo Apóstolo, sempre dirigido aos povos que ainda não receberam a luz de Jesus Cristo» (IV,117-118). «O apóstolo das edições faz-se tudo a todos» (IV,120).

Porque «Jesus Cristo ensinou a não esperar pelos homens, mas a procurá-los» (IV,89), também a iniciativa das **bibliotecas populares** numa paróquia, escola, município, ou móveis são formas de apostolado que podem responder às necessidades do povo: «é a hora das bibliotecas. Isto sente-se de todos os lados» (IV,64).

10.2.4. Falando em abril de 1960, quando ainda não tinha sido aprovado o decreto conciliar *Inter mirifica*³⁸, o Fundador recorre ao magistério universal dos Papas, sobretudo de Pio XI e Pio XII, para assegurar que “a pregação escrita” foi solicitada e aprovada pela **Igreja** como **verdadeira evangelização**.

Depois de haver lembrado que o apostolado paulista descrito no segundo artigo das Constituições «corresponde ao pensamento de Pio XII na Carta Apostólica (de 12 de janeiro de 1951³⁹), na qual proclamava São Gabriel Arcanjo protetor de todas as invenções aptas a comunicar o pensamento», o beato Alberione continua: «A imprensa, o cinema, a rádio, a televisão constituem hoje as mais urgentes, as mais rápidas e as mais eficazes obras do apostolado católico. Pode ser que os tempos nos reservem outros meios melhores. Mas no presente parece que o coração do apóstolo não pode desejar outra coisa melhor para dar Deus às almas e as almas a Deus» (I,313).

10.2.5. As tecnologias de comunicação usadas pelo apóstolo tornam-se “**elementos materiais duma eficácia sobrenatural**”, mais do que sacramentais: «Quando estes meios do progresso servem para a evangelização, recebem uma consagração, são elevados à máxima dignidade. O trabalho do escritor, o local da técnica, a livraria tornam-se Igreja e púlpito. Quem aí trabalha ergue-se à dignidade de apóstolo. Quem, “com mãos inocentes e coração puro” (Sl 24[23],4), aí trabalha, comunica a esse meio ordinário um poder sobrenatural que contribui para a iluminação e a ação íntima do flato divino que a acompanha» (I,316).

Por isso, é necessário que a identidade de quem se serve das tecnologias comunicadoras para evangelizar seja bem definida; e o Fundador traça o **perfil do apóstolo paulista** segundo o modelo, São Paulo (III,54-62); e na instrução sobre Maria Rainha dos Apóstolos volta ao mesmo pensamento (cf. IV,277-278).

Aplicando a mesma visão apostólica ao **livreiro** e à **livraria paulistas**, o Fundador sublinha: «A livraria é um templo; o livreiro um pregador; luz, santidade, alegria em Jesus Cristo e vida cristã são os frutos procurados. A banca (das vendas) é o púlpito da verdade» (IV,162).

10.2.6. Porque toda a atividade editorial paulista é evangelização, o apóstolo paulista deve dar **prioridade à Bíblia**: «O paulista tem três motivos especiais para venerar e ler a Bíblia, além dos motivos válidos para todos: 1) a Bíblia contém a mensagem da salvação que nós devemos dar às almas, ...é portanto o livro mais pastoral; 2) a Bíblia é o livro modelo ao qual deve conformar-se o escritor-apóstolo; ...3) a Sociedade São Paulo, tendo uma missão internacional, deverá levar a

38 *Inter mirifica*, Decreto sobre os meios de comunicação social, Concílio Ecuménico Vaticano II, 4 de dezembro de 1963.

39 Trata-se do Breve Apostólico de Pio XII “*Quoniam omne datum*”, de 12 de janeiro de 1951.

Bíblia, palavra de Deus, a todos os sítios que puder» (III,10).

«No apostolado das edições, próprio do nosso Instituto, o livro que devemos especialmente difundir é a Bíblia: mais do que todos os outros e antes dos outros, e sempre. Agora, para uma mais larga e organizada propaganda, promoveu-se a Sociedade Bíblica Católica Internacional» (III,12).

«O comentário da Bíblia tem duas finalidades que sempre se devem ter presentes: 1) fazer compreender o texto, interpretado segundo o pensamento da Igreja; 2) tornar prático o ensino do texto. Devendo-se dar a Bíblia a todos os homens, os comentários deverão ser proporcionados e adaptados à mentalidade e às necessidades das várias classes de pessoas, tão diferentes pela cultura. Numa palavra: uma Bíblia cheia de Catecismo e Liturgia, um Catecismo cheio de Bíblia e Liturgia; uma Liturgia cheia de Catecismo e de Bíblia» (III,17).

10.2.7. Unindo as três instruções – *A propaganda-difusão*, *A propaganda racional* e *As livrarias* – podemos constatar como o Fundador já nos anos 60 tinha compreendido a importância estratégica da **difusão** para o apostolado paulista.

«A propaganda é a terceira parte do apostolado da imprensa, à qual se referem as primeiras duas: a redação e a técnica. Compreenda-se a sua natureza, a importância e os meios» (IV,85). «A propaganda constitui o grande problema do apóstolo da imprensa. A ele estão ordenadas a redação e a técnica. Pode considerar-se o canal através do qual as verdades que brotam do coração do apóstolo chegam às almas» (IV,87).

«O apostolado da imprensa sem a difusão pode-se comparar a uma Família sem filhos. ...Mas uma ampla propaganda é própria dum ânimo verdadeiramente apostólico, e garantia de copiosos frutos» (IV,88). Também as “**jornadas e semanas do Evangelho**” constituem uma forma de difusão da pregação paulista (cf. IV, 91-97).

Sem necessitar daquele frenesim de estudo de publicidade e marketing, mas partindo da sua ânsia “pastoral de chegar a todos”, o Primeiro Mestre promoveu na Sociedade São Paulo e nas Filhas de São Paulo um tríptico modo de difusão: **a propaganda capilar, coletiva e racional**.

«Propaganda racional é o estudo de quanto se deverá ensinar para a salvação e a elevação dos homens em geral; o exame especial das condições e necessidades das populações às quais somos enviados; preparar na redação quanto é útil, necessário e adaptado a tal população; antes de iniciar a propaganda tomar um conhecimento preciso da nação, região, dioceses, paróquia, associação e pessoas a quem somos enviados; escolher, levar, oferecer de modo devido quanto se tem de conveniente; usar os meios mais céleres e eficazes para chegar na mais larga medida a palavra de Deus a todos» (IV,140).

«A nenhum paulista e paulina pareça estranho ouvir que Jesus é Mestre da propaganda. Dá-se a mesma mensagem da salvação; somos movidos pelo mesmo motivo de caridade; apresenta-se segundo a necessidade e num modo adaptado aos homens; somos apoiados no exemplo da sua graça. O nosso apostolado é em Jesus Cristo» (IV,140).

A mesma descrição detalhada da “livraria paulista” (cf. IV,164-173) integra valores “**espirituais**”: «Os centros de difusão são lugares sagrados como a Igreja e a escola» (IV,168), através da preparação “**humana**” necessária para a gestão: «O bom funcionamento dos centros de difusão ou livrarias exigem o conhecimento do ambiente e do que se imprime, o modo de atrair os fiéis» (IV,168).

10.3. A atualização

10.3.1. Uma espiritualidade cristocêntrica interpretada por São Paulo; um novo estilo de vida consagrada, dedicada a tempo pleno à santidade com uma nova missão social, e uma nova evangelização que adota todas as linguagens da comunicação, estas são as **três originalidades** que o beato Tiago Alberione, iluminado pelo Espírito e com a aprovação oficial da Igreja, encerrou no carisma paulista. Conhece parcialmente o Primeiro Mestre quem o identifica com a pura determinação de pôr a imprensa e os outros *mass media* ao serviço da evangelização: nesta obra ele não teve nem a precedência histórica nem o monopólio. A verdadeira originalidade deve colher-se

na harmonização, lenta e progressiva, do conjunto do carisma paulista.

Antes de deitar mão a qualquer atualização, não é fora de lugar lembrar qual era a **situação** da Sociedade São Paulo em abril de 1960 e confrontá-la com a Congregação como se apresenta hoje, depois de mais 50 anos. Na admirável elaboração do carisma paulista realizada pelo beato Alberione, importa distinguir a fisionomia do “**carisma ideal**” e a sua “**realização**” que acontece em qualquer época histórica segundo situações de pessoas, iniciativas, patrimónios e projetos muito diferentes.

As características que constituem o “**código genético**” do carisma paulista não estão vinculadas a um período histórico nem devem ser repetidas de forma idêntica em tudo, porque a história, a cultura, a Igreja, a comunicação e a Congregação evoluem. A “fidelidade criativa” tem de facto a missão de tornar possível pensar e viver o “carisma ideal” em contextos “históricos diferentes”, mantendo-o jovem e fascinante.

Quando os indivíduos e a Congregação faltam a esta capacidade, correm-se os perigos do “tradicionalismo”, ligado a fórmulas e slogans que a pouco e pouco perdem significado, como os slogans da “inovação” que, desprendendo-se das raízes, acabam por desnaturar o carisma.

10.3.2. Tomemos em consideração o principal “valor paulista” do apostolado: é **uma nova forma de evangelização completa**. E, no entanto, ainda hoje, quando se apresenta o carisma paulista na sua intuição primitiva como “**a pregação escrita semelhante à pregação oral**”, pode-se suscitar incompreensão porque há quem continua a defender que a “verdadeira” evangelização somente existe na vida de fé vivida no âmbito paroquial, e, por isso, a comunicação é um simples subsídio, um instrumento ou uma ajuda. Em tal perspectiva toda a atividade própria do carisma paulista aparece equivalente à produção de uma casa editora católica que fornece o mercado “religioso” de livros, revistas, programas televisivos, radiofónicos, musicais, multimediais, presenças na web com conteúdos católicos.

Ainda que respeitando o trabalho e os objetivos de todos os que se dedicam à produção de obras para o “mercado religioso” e partilhando em parte a metodologia de gestão, a **vontade** do Primeiro Mestre não foi fazer nascer **outra casa editora católica**, nem, ainda muito menos, uma atividade industrial com conteúdos religiosos.

10.3.3. A intenção do Fundador de dar vida a uma “nova forma de evangelização” fundamenta-se em sua ideia do paulista como “**editor**” com o seu consequente “**apostolado da edição**” e, sucessivamente, “**apostolado das edições**” (para não indicar somente a imprensa, mas também o cinema, a rádio e a televisão).

O **editor paulista** – no pensamento do Primeiro Mestre – é o que, num projeto apostólico de comunidade, “exprime” a sua própria experiência de fé em Cristo integral, interpretado por São Paulo, e a traduz nas diversas linguagens da comunicação (redação) e, depois de a ter produzido (técnica), a propõe a todos (difusão). O ser editor, para o Fundador, não é uma “**profissão**”, mas uma “**forma nova de testemunhar**” o Evangelho, uma “**nova evangelização**”, seja pelo modo em que os paulistas fazem essa experiência, seja pelo modo como a propõem aos outros, mediante a comunicação.

10.3.4. Sobre esta interpretação de “editor”, o beato Alberione elaborou a figura do **apóstolo paulista – sacerdote** (redação) e **discípulo** (técnica e difusão) – como aquele que realiza todas as etapas da evangelização com a imprensa e os outros *mass media*. Precisamente porque não é um simples trabalho editorial mas uma forma de testemunho de vida, sabemos como com dificuldade ele teve que atenuar o seu conceito de **autarquia paulista** no que ao pessoal se refere (só paulistas, nenhum colaborador não consagrado) e nos conteúdos (escritores paulistas na redação e obras paulistas nas livrarias).

10.3.5. A finalidade de “nova evangelização completa” incide também sobre as **prioridades das escolhas editoriais**. Uma casa editora que produz textos de fé católica pode especializar-se num sector especial (exegese, catequese, teologia, etc.) ou publicar um pouco de tudo. A experiência de fé integral que, tomando por modelo a São Paulo, motiva o editorial paulista deve vigiar sobre as

linhas editoriais para oferecer, de modo equilibrado e sem carências, “**dogma, moral e culto**” e “**toda a realidade humana em perspectiva cristã**”.

10.3.6. Além disso, a experiência de fé integral do apóstolo e da comunidade paulista deve ser proposta com **mentalidade pastoral**, que elabora todos os projetos editoriais a partir das necessidades dos **destinatários**, de preferência para as massas populares e as pessoas cultas que não conhecem Cristo. Uma pastoral, portanto, que não se limita à Igreja e aos crentes, mas vai diretamente ao povo com a **comunicação** própria de qualquer tempo histórico, pois não é só “um meio” ou mesmo uma “cultura”, mas – vale sobretudo para a comunicação digital – “um novo modo de viver”.

10.3.7. A este ponto, após ter resumido as principais ideias do Primeiro Mestre sobre o perfil do “carisma paulista ideal”, importa sublinhar agora com força a urgência de uma **reflexão pessoal e comunitária** que se interrogue sobre como pensar e viver, nas condições atuais da Congregação, a **preciosa herança** apresentada pelo Fundador no contexto histórico de 1960: projeto completo de nova evangelização; desejo de partilhar a experiência pessoal e comunitária da fé em Cristo integral e com o exemplo de São Paulo; editor paulista sacerdote e discípulo; autarquia paulista (presença indispensável dos colaboradores leigos); conteúdos editoriais explicitamente religiosos e de valores humanos; mentalidade pastoral, que projeta partindo das exigências dos destinatários formas e linguagens da comunicação que hoje devem ser adotadas.

Uma pausa de reflexão tão empenhadora necessita também de **instrumentos** para observar e ponderar as diferenças verificadas entre os anos de 1960 e os anos de 2000: os aprofundamentos inovadores de pensamento operados pelo **Vaticano II** para a evangelização, sobre o sacerdócio ministerial e dos fiéis; a teologia da vida religiosa, o papel dos leigos na Igreja, a valorização apostólica da comunicação; a nova apresentação do pensamento e da obra apostólica de **São Paulo**; a evolução da **comunicação** dos tempos do beato Alberione à explosão da comunicação digital atual; as mudanças internas na **Congregação** na composição das gerações paulistas, na organização do apostolado, no exercício efetivo do sacerdócio paulista e no perfil do discípulo, na realização da formação dos jovens, no modo concreto de viver a vida em comum.

11. O GOVERNO PAULISTA

11.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

11.1.1. O estilo do governo paulista foi ilustrado sobretudo na terceira semana:

* **I, A Congregação é um Instituto clerical:** 156; **A residência dos Superiores:** 309-310;

* **III, Visitas às comunidades:** 76, 77, 78, 79, 80, 81; **Serviços do Governo geral:** 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228; **Il Governo do Instituto:** 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250; **O Conselho geral e as Delegações regionais:** 277, 278, 282, 283, 284, 285, 286;

* **IV, O Governo da Província:** 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16.

11.1.2. É óbvio que o estilo de governo tem que estar ao serviço da vida e da missão.

Reentra por isso neste âmbito tudo quanto foi dito sobre os **votos religiosos paulistas**, sobre a **vida comunitária paulista** e sobre o **apostolado paulista** (cf. *títulos* 7, 8, 10). Além disso, tenha-se presente que as Constituições são o texto de referência do Fundador, aprovadas em 1957, redigidas em conformidade com o código de direito Canónico promulgado em 1917.

11.2. Os valores paulistas

11.2.1. O serviço paulista da autoridade deve ser um **ato de caridade**: «Princípios máximos: o governo é exercício de caridade. Amar o Senhor representando-lhe a solicitude paterna; como São José operava na Sagrada Família de Nazaré, fazendo sentir a presença do Pai Celeste. Amar os membros do Instituto dirigindo-os à santidade e às obras de apostolado, segundo os dois primeiros artigos das Constituições. Amar a Congregação: 1) arranjando-lhe outros filhos, mediante a cura das

vocações; 2) unir as forças para melhor atingir os fins dela; 3) no serviço a todos e a cada um, em vida, na morte, depois da morte. Amar cada um como irmãos; as palavras “superior” e “súbdito” devem ser usadas o menos possível e a estas dar-se-á um sentido religioso» (III,241).

Também os vários tipos de “**visitas**” que se fazem às comunidades são «encontros entre irmãos» (III,76-81).

11.2.2. Explicando as **funções** da autoridade paulista segundo o **método caminho-verdade-vida**, identificado na pessoa do Superior Geral (cf. III,241-245), o Fundador sublinha que o Superior «não é para si, mas para a utilidade da Sociedade e dos membros» (III,242).

Para que o curso extraordinário de exercícios seja um “**aggiornamento**” também sobre a governação, foram depois passadas em resenha, com referência às Constituições, as funções do Governo Geral, do Vigário Geral, do Procurador Geral, do Secretário Geral, – do Ecónomo Geral, do Superior Provincial e do seu Conselho, das Delegações regionais e dos Superiores locais.

11.3. A atualização

11.3.1. A indicação do Fundador para considerar a comunidade local, circunscricional e toda a Congregação como uma **Família**, onde os Superiores devem ser «pais e mães e não chefes de uma empresa» (IV,216), é válida e tem que ser aplicada com fidelidade criativa tanto à vida comunitária como à atividade apostólica.

A nossa normativa, sobretudo na gestão das atividades apostólicas e na organização da promoção vocacional e da formação, serve-se da **autoridade canónica ordinária** (o Superior maior e o seu Conselho) e da **autoridade canónica delegada** (o diretor geral e o conselho de apostolado, o coordenador geral da formação e o conselho de formação).

Ambas são “canónicas” e portanto são autoridade legítima, mas não são duas autoridades com o mesmo valor: têm **obrigações diferentes** que devem ser reconhecidas e respeitadas.

Como princípio geral, à autoridade canónica ordinária compete fixar os objetivos a atingir e verificar se, no tempo previsto, foram alcançados; à autoridade canónica delegada, depois que lhe foram transmitidos os objetivos fixados, compete-lhe encontrar os recursos de todo o género para alcançá-los.

Se é indiscutível que somos todos “irmãos” em qualquer momento da vida paulista, é também verdade que o serviço da autoridade confiado a um paulista, o faz “**responsável**” e tem que se contar com ele nas relações recíprocas. Todos irmãos, mas com responsabilidades diferentes perante a comunidade, a circunscrição, as constituições da Congregação, as leis da Igreja e da sociedade civil. A responsabilidade pode ser exemplificada dizendo que, quando tivermos de prestar contas a uma autoridade superior, não será chamado qualquer outro, mas sim aquele que tem um mandato preciso.

Conhecer bem as competências de cada um e de seguida ler, estudar, meditar e pôr em prática toda a normativa da **Congregação** (Constituições e diretório, Serviço da autoridade na Sociedade São Paulo. Manual, *Ratio formationis*), e da **Igreja** (Código de Direito Canónico, a instrução *O serviço da autoridade e a obediência*) é **ato de fidelidade criativa** ao estilo de governo paulista querido pelo Primeiro Mestre.

11.3.2. Colhe-se ainda um outro ensinamento importante da atualização do que o Fundador lembra: que os Superiores representam o Senhor, «mas devem considerar que os Institutos religiosos são Sociedades, em que se unem as forças para atingir os dois fins: santificação dos membros e apostolado-ministério. Por isso, é um governo democrático em que os membros podem fazer sentir os seus pensamentos por meio dos Conselheiros nas coisas de maior importância» (III,278).

Estes, exprimindo-se com as Constituições em vigor desde abril de 1960, representam o Conselho dos vários níveis de governo como o resultado de um ato “**democrático**” porque os membros são cooptados para tal função não por nomeação, mas por eleição. A normativa atual da Congregação confirma tal indicação, mas penso que devem existir também outras formas de “participação democrática” na governação.

Se bem pensadas e interpretadas, estas normas são um **ato de participação importante** na

disponibilidade de responder a questionários ou a inquéritos por ocasião do Capítulo Geral, do Capítulo provincial e da Assembleia regional; em dar o seu contributo nos colóquios pessoais por ocasião das visitas canónicas; oferecer o seu próprio parecer para elaborar o Projeto apostólico, o Itinerário de formação e o Projeto comunitário para a Circunscrição e para a comunidade local de pertença. Trata-se de uma oportunidade a valorizar para exprimir o seu próprio pensamento e fazer confluir opiniões diversas no trabalho de quem foi chamado a um sábio discernimento, a fazer escolhas e a tomar decisões.

11.3.3. Um contributo indireto, mas de ajuda certa ao estilo de governo paulista, é também interpretar hoje, para a Congregação, o que o Fundador recomenda em II,238: os jovens sacerdotes sejam acompanhados nos primeiros anos do seu ministério e em cada comunidade faça-se mensalmente “a solução do caso de moral e litúrgico”. Nas circunstâncias atuais podem-se rever estas indicações no empenhamento dos Superiores de circunscrição em seguir os neossacerdotes pelo menos nos **primeiros cinco anos** de ministério e prever no Itinerário de formação da Circunscrição e no Projeto comunitário os conteúdos e os tempos da **formação contínua**.

12. INICIATIVAS ESPECIAIS

12.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre algumas iniciativas especiais

12.1.1. *Pontifícia Obra primária das Vocações religiosas*: I,121, 340; *Pia União “Oração, Sofrimento e Caridade para todas as Vocações”*: IV,59.

Na criação da primeira (1955), que é de instituição pontifícia, «grande parte teve de mérito o padre Federico Muzzarelli», lembra o Primeiro Mestre. A segunda, aprovada oficialmente em 1963, foi uma iniciativa do beato Alberione.

12.1.2. O *Instituto Teológico Internacional da Pia Sociedade de São Paulo*: II,195-196, 229. A partir de 1951, o Fundador reuniu em Roma os clérigos de teologia provenientes das várias circunscrições. Assim aconteceu, entre outros **motivos**, para que todos tivessem uma boa formação, para que aprendessem melhor os meios de apostolado, para que fossem treinados na redação e que se imbuíssem de um espírito universal. A iniciativa cessou no final da década de 1960.

12.1.3. A *Sociedade bíblica católica internacional (SOBICAIN)*: III,12-16. Foi aprovada em 14 de outubro de 1960 e o art. 3 do Estatuto fixa a sua **finalidade**: «A Sociedade Bíblica Católica tem em vista o estudo, a produção, a difusão e a meditação da Bíblia Sagrada, especialmente do Evangelho, para alimentar a fé, a moral e a piedade cristã».

12.1.4. A *Associação geral das Bibliotecas (AGB)*: IV,61-70. Foi fundada pelo beato Alberione em 1921; os anos da guerra de 1940-1945 foram a causa de um forte redimensionamento da atividade; em 1961 deu-se o seu relançamento através da SAIE. O art. 2 descreve a **finalidade** da AGB: «Finalidade: unir os esforços isolados para favorecer e promover em qualquer ambiente a sã cultura literária, científica, profissional, educativa, moral e religiosa».

12.1.5. A *Pia associação apostolado das técnicas audiovisivas*: IV,232-233. Erigida oficialmente em Arquiosodalício em 13 de abril de 1962. O primeiro artigo do Estatuto precisa: «...é um ente religioso que tem como finalidade divulgar a doutrina da Igreja por meio das técnicas audiovisuais (cinema, televisão, rádio, discos) e em especial traduzir na realidade prática os ensinamentos e as exortações dos Sumos Pontífices» sobre os meios de comunicação social para a evangelização.

12.1.6. *Pia obra das mortes repentinas*: IV,25-26. Aprovada em 10 de fevereiro de 1960 pelo card. Eugénio Tisserant como titular das Dioceses de Ostia, Porto e Santa Rufina. «O fim da *Pia obra das mortes repentinas* consiste em suplicar ao Senhor que todos os que passam desta vida para a eternidade, improvisa e tragicamente, possam morrer na graça de Deus».

12.1.7. *Jornadas e semanas do Evangelho*: IV,91-97. Confirmando o que foi escrito em AD 136 e 145, o beato Alberione lembra que estas jornadas «iniciadas quase timidamente nos primeiros anos do Instituto, são agora celebradas numerosíssimas vezes em Itália e no estrangeiro». No projeto do Fundador, estas jornadas e semanas são formas de difusão da palavra de Deus com a finalidade de

promover a unidade entre Evangelho e Eucaristia na vida cristã.

12.1.8. *Fundo paulista*: III,54. Esta obra de solidariedade entre Circunscrições mediada pelo Governo Geral foi uma decisão do primeiro capítulo geral da Congregação em 1957. Foi melhor definida no Capítulo Geral Especial de 1969-71 (cf. DC 835-843; *Cost.* Art. 207.5).

13. TESTEMUNHOS PAULISTAS

13.1. Instruções do Primeiro Mestre sobre este tema

13.1.1. *Cónego Francisco Chiesa*, IV,7: «O Cónego Chiesa foi o padrinho da Família Paulista. Dele se teve o ensinamento, o espírito, a orientação; a ajuda quotidiana durante muitos anos, sob muitas formas».

13.1.2. *Padre Timóteo Giaccardo*, III,228-229, 240: «A Família Paulista muito deve ao Mestre Timóteo Giaccardo, e sob todos os pontos de vista. Ele compreendia bem a necessidade, as condições, a eficácia do apostolado da imprensa, em suas várias formas. Ele tinha bem entendido o espírito da futura Congregação ainda antes de entrar nela».

13.1.3. *Maggiorino Vigolungo*, III,277: «O Senhor conduziu à Família Paulista muitas almas belas, generosas, fidelíssimas. Entre estas lembramos a primeira flor que muito cedo foi transplantada para o céu: Vigolungo Maggiorino. ...Teve sobretudo uma luz interior no conhecimento e no amor pelo Senhor; foi uma doação generosamente em todos os seus deveres; tinha uma grande delicadeza de consciência, uma visão clara do apostolado da boa imprensa».

13.1.4. *Irmão André M. Borelo*: O beato Alberione não fala dele no UPS, provavelmente porque a sua causa de beatificação não estava ainda em curso; será introduzida em 1964.

O Fundador disse naquela ocasião: «...merece ser glorificado e proposto como exemplo a todos os que se consagram ao apostolado dos meios de comunicação social, mas de modo particular aos irmãos discípulos... que são como a espinha dorsal da Congregação e que têm uma parte importante no apostolado das edições. ...À luz de São José, preocupou-se em informar toda a sua vida por uma intensa piedade reparadora, com um habitual recolhimento e silêncio, de uma serena docilidade na participação generosa no apostolado mediante a técnica e a propaganda, de uma constante tensão para a perfeição paulista»⁴⁰.

Caríssimos irmãos

Ao concluir esta minha carta anual, desejo em primeiro lugar agradecer ao Espírito de Cristo por me ter concedido o dom de passar, contando os tempos distribuídos em semanas diversas, um mês completo na leitura, meditação, assimilação e atualização deste texto que permanece **uma referência insubstituível** para a história da Sociedade São Paulo e também, para quanto lhe diga respeito, de toda a Família Paulista.

Entrego agora esta carta a cada um de vós e a todas as comunidades da Congregação. A minha leitura do UPS não tem a pretensão de ser exaustiva; quis apenas dar um exemplo que desejo que se transforme num laboratório de pensamento para mobilizar a todos, usufruindo da colaboração de cada um.

Confirmando a validade da metodologia da “**fidelidade criativa**”. Com efeito, sem conhecer e compreender a fundo o pensamento do Fundador, vem a faltar a premissa indispensável duma criatividade eficaz que possa interpretar o seu carisma nas transformações dos contextos nos quais também a Congregação evoluiu.

Lembrando novamente a decisão de proclamar o ano entre 20 agosto de 2012 – 20 de agosto de 2013, o **Ano das Constituições**, convido-vos a realizar, também de forma comunitária, uma **leitura**

40 *S. Paolo*, junho de 1964; cf. *Carissimi in S. Paolo*, cit., p. 441; cf. anque UPS IV,189-190.

em sinopse dos artigos das atuais Constituições com os correspondentes temas tratados no UPS. Partilho convosco o desejo de programar, no tempo que nos separa do jubileu de 2014, um **mês de exercícios espirituais ao estilo alberioniano do UPS**. Por experiência considero que este seja um dom a invocar da Providência, porque não é de fácil realização; estou certo, todavia, que um dos resultados seria o de reforçar a consciência da própria **pertença feliz** à Congregação, capaz de renovar-se e de permanecer jovem para **fascinar** até as novas gerações.

Invoquemos o Espírito da ressurreição, para que todos os que se encontrem, talvez, resignados a correr para o sepulcro com os aromas do embalsamamento a duvidar do futuro do carisma paulista, lendo, meditando e atualizando o UPS possam viver a experiência forte dos dois discípulos de Emaús e abram os olhos para reconhecer que “a mão de Deus” que orientou o Fundador (cf. I,17, 374) continua a reger a Congregação.

Com afeto fraterno.

Roma, 20 de agosto de 2012

No 98.º ano de fundação da Sociedade São Paulo

SILVIO SASSI, SSP, *Superior Geral*